

JOURNAL USA

# IMIGRANTES INGRESSAM NA CORRENTE DOMINANTE



Volume 13, Número 2

---

**Programas de Informações Internacionais:**

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan Margolis
<hr/>	
Diretor de criação	George Clack
Redator-chefe	Richard W. Huckaby
Editor-gerente	Bruce Odessey
Gerente de produção	Janine Perry
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Editora de cópias	Rosalie Targonski
<hr/>	
Editora de fotografia	Maggie J. Sliker
Programador visual	Vincent Hughes
Especialistas em referências	Anita N. Green Lynne Scheib
Editor associado	Michael Jay Friedman
Revisora de português	Marília Araújo



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA • BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMACIONES INTERNACIONALES

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas edições também são publicadas em árabe, chinês e persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos em <http://www.america.gov/publications/ejournals.html>. Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*  
IIP/PUBJ  
Departamento de Estado dos EUA  
301 4th Street, SW  
Washington, DC 20547  
United States of America  
E-mail: [eJournalUSA@state.gov](mailto:eJournalUSA@state.gov)

## A imigração em números

### Áreas metropolitanas com alta proporção de nascidos no exterior



Fonte: Bureau do Censo, Departamento de Comércio dos EUA

## Sobre Esta Edição

Quase sempre se diz que os Estados Unidos são um país de imigrantes. De fato, na década de 1960, o presidente John F. Kennedy, bisneto de imigrantes irlandeses, publicou um livro chamado *A Nation of Immigrants* [Uma Nação de Imigrantes]. Esse rótulo não é muito preciso, no entanto, pois sabemos que civilizações de americanos nativos haviam florescido nesta terra milhares de anos antes de os primeiros colonizadores europeus terem chegado no século 16.

O que é verdade é que a imigração tem sido uma questão central para determinar a história deste país. O fazendeiro francês imigrante Hector St. Jean de Crevecoeur, em 1781, levantou uma questão famosa: o que é um americano? Uma resposta comum entre os americanos desde então é que ser americano não depende de onde vêm os ancestrais de uma pessoa. Nos Estados Unidos, ser americano depende, acima de tudo, de aceitar alguns ideais fundamentais — governo representativo, Estado de Direito, liberdade individual.

No curso da história deste país, os americanos

receberam ondas de imigrantes, mas quase sempre, como coloca Hasia Diner em nosso principal ensaio, com uma certa ambivalência em relação às novas chegadas. Mesmo hoje, a política de imigração continua sendo um problema para muitos americanos. Em particular, a pergunta de como lidar com os imigrantes em situação ilegal é tema de muitos debates na campanha política americana que culminará com as eleições de 2008. Mas esta edição de *eJournal USA* não é sobre os imigrantes em situação ilegal: nosso tema é como os imigrantes em situação legal nos Estados Unidos assumiram a identidade de americanos, como gerações de novos imigrantes passaram a fazer parte da corrente dominante.

Há quem diga que a força dos Estados Unidos como nação — sua criatividade, seu dinamismo e sua pronta disposição para abraçar o novo — resulta em grande parte da diversidade trazida pelos imigrantes para esta terra. Nós concordamos.

—Os editores



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / FEVEREIRO DE 2008 / VOLUME 13 / NÚMERO 2  
<http://www.america.gov/publications/ejournals.html>

---

## IMIGRANTES INGRESSAM NA CORRENTE DOMINANTE

### 4 **Imigração e História dos EUA**

HASIA DINER, PROFESSORA DE HISTÓRIA,  
UNIVERSIDADE DE NOVA YORK

Durante quatro séculos, dezenas de milhões de estrangeiros fizeram dos Estados Unidos o país que é hoje.

### 11 **Imigrantes Irlandeses nos Estados Unidos**

KEVIN KENNY, PROFESSOR DE HISTÓRIA, FACULDADE  
DE BOSTON

Os imigrantes irlandeses tiveram um início difícil nos Estados Unidos. Eles e seus descendentes superaram os obstáculos e venceram.

### 15 **Novas Formas de Ver e Pensar**

SCOTT E. PAGE, PROFESSOR DE SISTEMAS  
COMPLEXOS, CIÊNCIA POLÍTICA E ECONOMIA DA  
UNIVERSIDADE DE MICHIGAN

Novas idéias trazidas por ondas de imigrantes contribuíram para o sucesso dinâmico da economia dos EUA.

### 18 **Requisitos Gerais para Naturalização como Cidadão Americano**

### 19 **Teste de Naturalização Reformulado**

### 20 **A Identidade Americana: Idéias, Não Etnicidade**

MICHAEL JAY FRIEDMAN, DA EQUIPE DE REDAÇÃO  
DO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES  
INTERNACIONAIS

Os americanos se definem não pela identidade racial, religiosa ou étnica, mas por seus valores comuns e crenças na liberdade individual.

### 23 **Um Mercado de Diversidade — Galeria de Fotos**

Almoçar em um ponto turístico histórico da Filadélfia oferece uma experiência multicultural.

### 25 **A Boa Estudante Imigrante**

BICH MINH NGUYEN, PROFESSORA ASSISTENTE  
DE REDAÇÃO CRIATIVA E LITERATURA ASIÁTICA-  
AMERICANA DA UNIVERSIDADE PURDUE

Uma menina nascida no Vietnã aprende a ser americana — nem sempre com facilidade.

### 27 **Uma Força de Combate Diversa**

LISA ALLEY, ASSESSORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS DO  
COMANDO DE TREINAMENTO E DOCTRINA DO  
EXÉRCITO DOS EUA

O Exército Americano une pessoas de diversas formações valorizando seus pontos fortes e juntando-as em uma cultura.

### **31 Imigrantes Que Se Deram Bem — Galeria de Fotos**

As contribuições de alguns desses imigrantes para a economia global provocaram mudanças de vida.

### **33 Competência Cultural É Requisito na Economia Atual**

DA EQUIPE DE REDAÇÃO DA DIVERSITYINC

A gigante das telecomunicações Verizon

Communications emprega mão-de-obra multiétnica para atender à sua clientela multiétnica.

### **35 Bibliografia**

### **37 Recursos da Internet**

# Imigração e História dos EUA

Hasia Diner



© AP Images

Cerca de 16 milhões de imigrantes ingressaram nos Estados Unidos pela Ilha Ellis em Nova York de 1892 a 1924

*Durante quatro séculos, dezenas de milhões de estrangeiros fizeram dos Estados Unidos o país que é hoje. Vieram em busca de uma nova vida e um novo modo de subsistência no Novo Mundo; seu trabalho árduo reverteu em benefício próprio e para seu novo país.*

*Hasia Diner é professora de História na Universidade de Nova York na cidade de Nova York.*

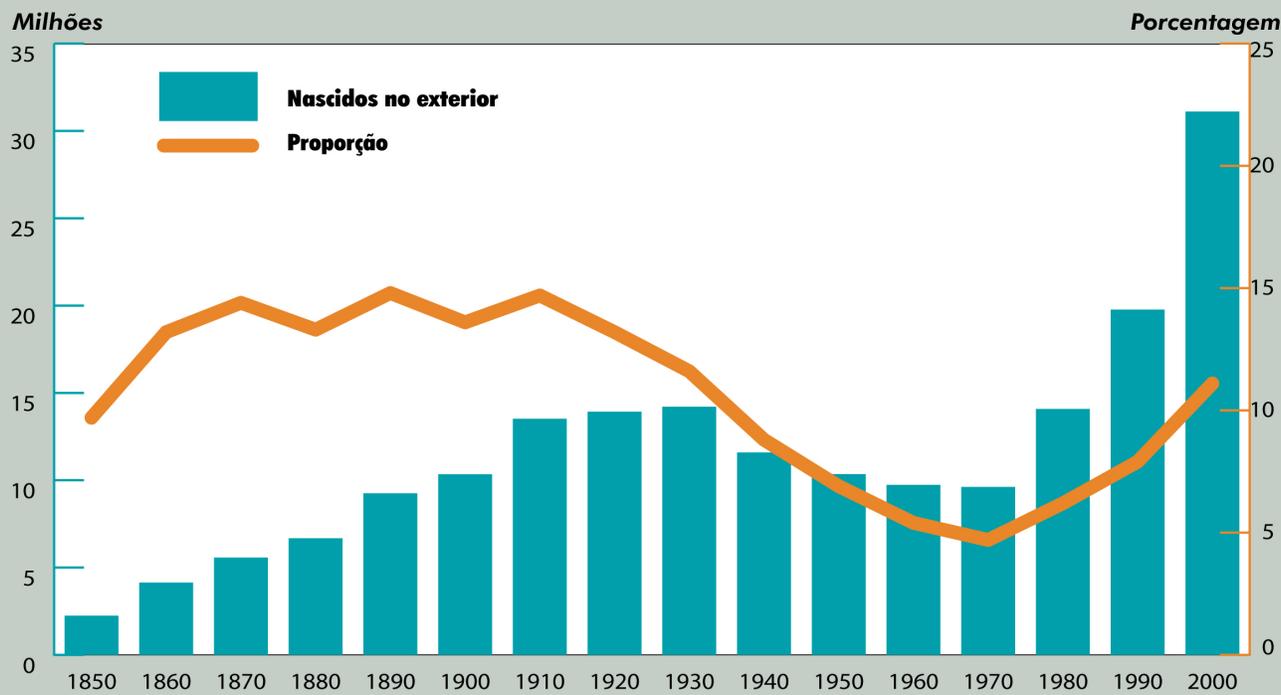
**M**ilhões de homens e mulheres do mundo todo decidiram imigrar para os Estados Unidos. Esse fato constitui um dos elementos centrais do desenvolvimento geral do país, envolvendo um processo fundamental para suas origens pré-nacionais, seu surgimento como nação nova e independente e sua subsequente elevação de posto avançado no Atlântico

a potência mundial, principalmente em termos de crescimento econômico. A imigração fez os Estados Unidos da América.

Como muitas outras sociedades de colonizadores, os Estados Unidos, antes de conquistarem a independência e daí em diante, contaram com o fluxo de imigrantes do exterior para povoar suas terras relativamente abertas e não colonizadas. Essa realidade histórica foi compartilhada com países como Argentina, Austrália, Canadá, Nova Zelândia e África do Sul.

Em todos esses casos, as potências imperialistas que reivindicavam essas terras tinham acesso a dois ou três elementos essenciais para cumprir sua meta de extração de recursos naturais da colônia. Elas tinham terra e capital, mas não tinham pessoas para se dedicarem a atividades como agricultura, extração de madeira,

### População nascida no exterior e proporção da população total por ano de censo



Fonte: Tabela 1. Natividade da população e local de nascimento da população nativa: 1850 a 2000  
<http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0081/twps0081.pdf>

mineração, caça e outras do gênero. Os administradores nas colônias tentaram usar a mão-de-obra nativa, com mais ou menos sucesso, e estimularam a escalada do comércio de escravos africanos, levando milhões de migrantes, contra a vontade, para esses postos avançados no Novo Mundo.

A imigração, contudo, teve papel fundamental não apenas para possibilitar o desenvolvimento dos Estados Unidos, mas também para moldar a natureza básica da sua sociedade. Sua história divide-se em cinco períodos distintos, cada um deles envolvendo taxas variadas de migração de diferentes partes do mundo. Cada um deles refletiu, além de moldar, grande parte da natureza básica da sociedade e da economia americanas.

#### COLONIZADORES DO NOVO MUNDO

O primeiro e mais longo período estendeu-se do século 17 ao início do século 19. Os imigrantes vinham de vários lugares, entre eles da área de língua alemã do Palatinado, da França (protestantes huguenotes) e dos Países Baixos. Outros eram judeus, também dos Países

Baixos e da Polônia, mas a maioria dos imigrantes desse período veio das Ilhas Britânicas, com ingleses, escoceses, galeses e irlandeses do Norte estabelecendo-se em diferentes colônias (futuros estados) e regiões.

Esses imigrantes, geralmente denominados colonizadores, dedicaram-se em sua maioria à agricultura, com a promessa de terra barata e grande produção para europeus do norte e do ocidente relativamente empobrecidos que se viam incapazes de aproveitar a modernização da economia em seu país de origem. Um grupo de imigrantes merece atenção especial, porque sua experiência esclarece bastante as forças que impulsionaram a migração. Nessa época, um número considerável de homens e mulheres imigrou como trabalhadores forçados. Eles assinaram contratos com empregadores que especificavam o período e as condições de trabalho em troca da passagem para o Novo Mundo. Apesar de terem se submetido a condições difíceis durante o tempo de serviço, com o resultado de seu trabalho, tornaram-se proprietários de pequenos lotes de terra nos quais mais tarde puderam trabalhar como pequenos proprietários rurais independentes.

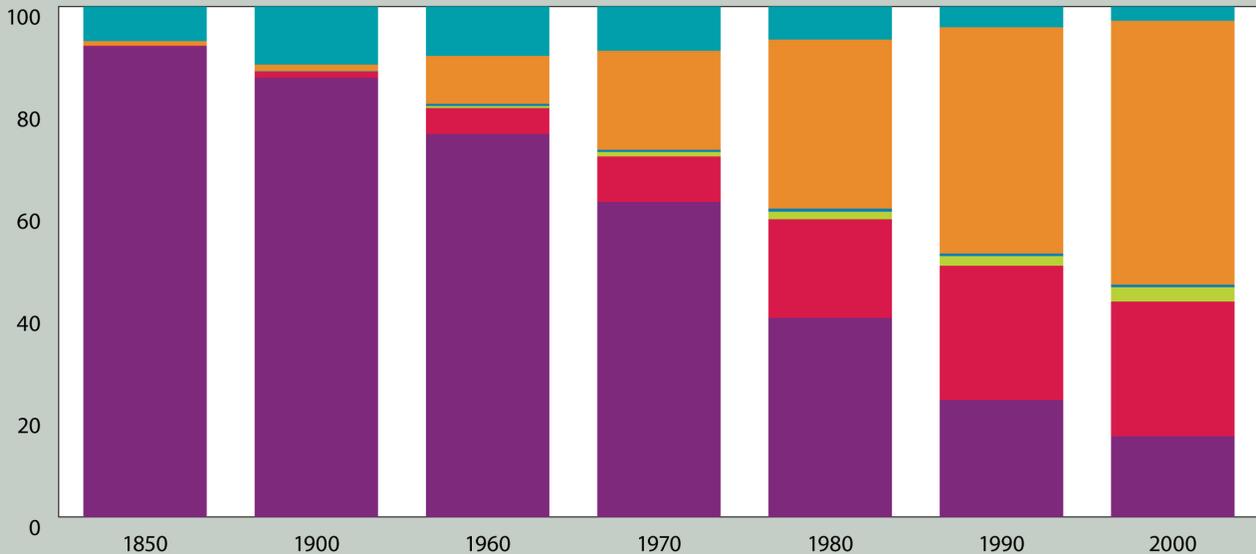
## A imigração em números

### Região do mundo de nascimento da população americana nascida no exterior

Europa Ásia África Oceania América Latina América do Norte



Porcentagem



Fonte: Tabela 2. Região do mundo de nascimento da população nascida no exterior: 1850 a 1930 e 1960 a 2000  
<http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0081/twps0081.pdf>

### MIGRAÇÃO EM MASSA

Os números de imigrantes nesse período eram relativamente pequenos. Isso mudou, contudo, na década de 1820. Essa época deu início ao primeiro período de migração em massa. Dessa década até os anos 1880, cerca de 15 milhões de imigrantes foram para os Estados Unidos, muitos optaram pela agricultura no Meio-Oeste e no Nordeste, ao passo que outros desembarcaram em bandos nas cidades de Nova York, Filadélfia, Boston e Baltimore.

Fatores tanto na Europa quanto nos Estados Unidos moldaram essa transição. O fim das guerras napoleônicas na Europa libertou os jovens do serviço militar ao mesmo tempo que a industrialização e a consolidação agrícola na Inglaterra, na Escandinávia e em grande parte da Europa Central transformavam as economias locais e criavam uma classe de pessoas jovens que não conseguiam ganhar a vida na nova ordem. A demanda por mão-de-obra imigrante disparou com dois desdobramentos importantes: a colonização do Meio-Oeste americano após a inauguração do Canal

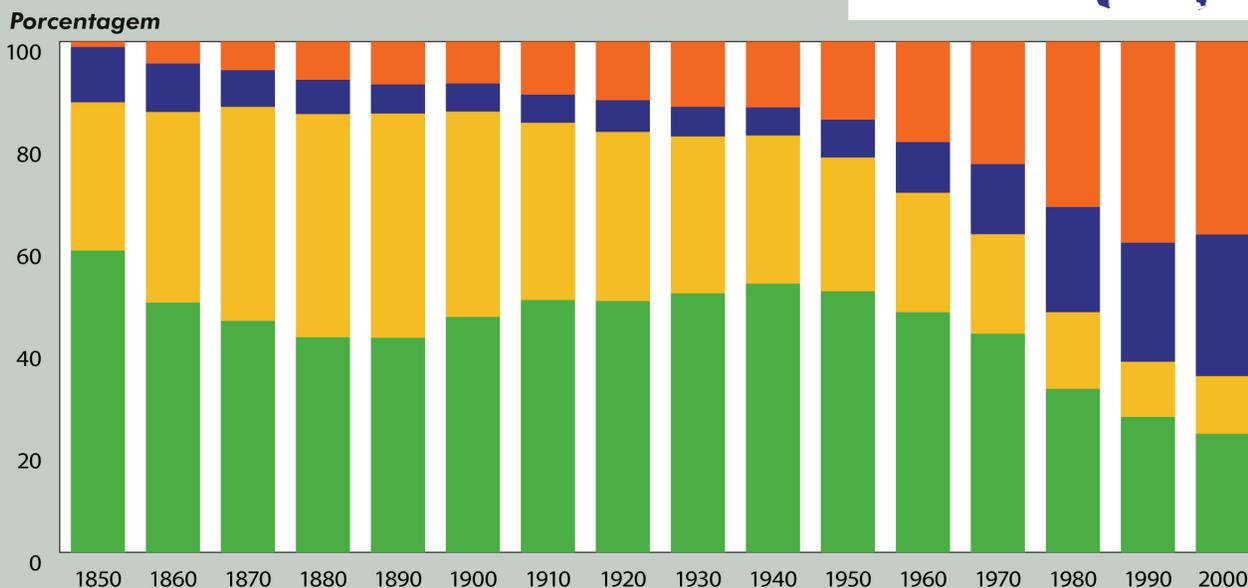
Erie em 1825 e o conseqüente aumento da importância do porto de Nova York, bem como os primeiros ventos de desenvolvimento industrial nos Estados Unidos, em particular na produção têxtil, centrada na Nova Inglaterra.

Os imigrantes tendem a se concentrar por grupos em determinados bairros, cidades e regiões. O Meio-Oeste americano, ao despontar em meados do século 19 como uma das regiões agrícolas mais férteis do mundo, tornou-se lar de comunidades fechadas relativamente homogêneas de imigrantes da Suécia, da Noruega, da Dinamarca, da Boêmia e de várias outras regiões do que em 1871 se tornaria a Alemanha.

Nessa época chegou a primeira grande leva de imigrantes católicos aos Estados Unidos que era predominantemente protestante, e esses primeiros homens e mulheres irlandeses inspiraram o primeiro surto sério de nativismo, que combinava antipatia contra os imigrantes, em geral com medo do catolicismo e aversão aos irlandeses. Em particular nas décadas imediatamente anteriores à Guerra Civil Americana (1861-1865), esse nativismo gerou um poderoso

**Proporção da população nascida no exterior em diferentes regiões dos Estados Unidos por ano de Censo**

■ Oeste   
 ■ Sul   
 ■ Meio-Oeste   
 ■ Nordeste



Fonte: Tabela 15. População nascida no exterior por seção e subseção históricas dos Estados Unidos: 1850 a 2000  
<http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0081/twps0081.pdf>

movimento político e até um partido político, os *Know Nothings*, que tinham a antiimigração e o anticatolicismo como pontos centrais de sua agenda política. Essa época também testemunhou a chegada de pequenos grupos de homens chineses ao Oeste americano. Os americanos nativos reagiram intensa e negativamente à chegada desses chineses, levando à aprovação da única peça da legislação de imigração dos EUA que nomeava especificamente um grupo como foco de política restritiva, a Lei de Exclusão dos Chineses de 1882.

**UMA ONDA SE TORNA UMA ENCHENTE**

Gradualmente, ao longo das décadas posteriores à Guerra Civil, à medida que a origem da imigração mudava, também mudava a tecnologia para viagens oceânicas. Os primeiros imigrantes viajaram para os Estados Unidos em barcos à vela, mas as inovações no transporte a vapor possibilitaram que navios maiores transportassem levadas maiores de imigrantes para os Estados Unidos. Os imigrantes desse período vinham

em geral do Sul e do Leste da Europa, regiões que no final do século 19 e início do século 20 passavam pelas mesmas transições econômicas ocorridas antes na Europa Ocidental e do Norte.

Assim como no período anterior, os jovens predominavam entre os imigrantes. Essa onda de imigração, que constituiu o terceiro episódio da história da imigração nos EUA, poderia ser chamada de enchente de imigrantes, já que cerca de 25 milhões de europeus fizeram a viagem. Italianos, gregos, húngaros, poloneses e outros povos de língua eslava representavam o grosso dessa migração. Entre eles havia entre 2,5 e 3 milhões de judeus.

Cada grupo apresentava um padrão distinto de migração em termos de equilíbrio de gênero na corrente migratória, da permanência de sua migração, das taxas de alfabetização, do equilíbrio entre adultos e crianças, entre outros fatores. Mas tinham uma característica geral: o destino urbano e o fato de comporem a maior parte da mão-de-obra industrial dos EUA, o que permitiu o surgimento de indústrias como a siderúrgica,



Corbis© Bettmann

Imigrantes deixam o navio apressados em direção a Nova York em 1922 para entrar nos Estados Unidos sob uma nova cota

a carvoeira, a automotiva, a têxtil e a de vestuário, levando os Estados Unidos para as primeiras colocações entre os gigantes econômicos mundiais.

Seu destino urbano, os números e talvez uma antipatia humana bastante básica contra os estrangeiros provocaram uma segunda onda de xenofobia organizada. Nos anos 1890, muitos americanos, em especial os mais ricos, os brancos e os nascidos no país, consideravam a imigração um grave risco à saúde e à segurança da nação. Em 1893 um grupo deles criou a Liga de Restrição à Imigração, e esta, junto com outras organizações de tendência semelhante, começou a pressionar o Congresso a fazer restrições rigorosas à imigração.

### LEGISLAÇÃO SOBRE IMIGRAÇÃO

A restrição prosseguiu de forma fragmentada durante o final do século 19 e início do século 20, mas imediatamente após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e adentrando os anos 1920, o Congresso mudou a política nacional básica sobre imigração. A Lei de Origens Nacionais em 1921 (e sua forma final em 1924) não apenas restringiu o número de imigrantes que podia entrar nos Estados Unidos como também determinou vagas de acordo com cotas baseadas em origem nacional. Peça legislativa complicada, a lei essencialmente deu preferência aos imigrantes da Europa Ocidental e do Norte, limitou drasticamente os números de imigrantes do Leste e Sul Europeu e

declarou todos os potenciais imigrantes da Ásia como não qualificados a entrar nos Estados Unidos.

A legislação excluiu o Hemisfério Ocidental do sistema de cotas, e os anos 1920 deram início ao penúltimo período da história da imigração nos EUA. Os imigrantes podiam ir e vir com bastante liberdade do México, do Caribe (inclusive Jamaica, Barbados e Haiti) e de outros países das Américas Central e do Sul. Esse período, que refletiu a

aplicação da legislação de 1924, durou até 1965. Nesses 40 anos, os Estados Unidos começaram a admitir, caso a caso, números limitados de refugiados. Refugiados judeus da Alemanha nazista antes da Segunda Guerra Mundial, sobreviventes do Holocausto judeu após a guerra, não-judeus que fugiam de governos comunistas no Leste Europeu, húngaros em busca de refúgio após o levante fracassado de 1956 e cubanos após a revolução de 1960 encontraram nos Estados Unidos um abrigo



© AP Images

Imigrante chinês é interrogado em centro de detenção na Ilha Angel, na Baía de São Francisco, Califórnia, nos anos 1920, época em que os asiáticos estavam excluídos

seguro, porque sua difícil situação tocou a consciência dos americanos, mas a lei básica de imigração permaneceu em vigor.

### LEI HART-CELLER

Tudo mudou com a aprovação da Lei Hart-Celler em 1965, subproduto da revolução dos direitos civis e jóia da coroa dos programas Grande Sociedade do presidente Lyndon Johnson. A medida não tinha intenção de estimular a imigração da Ásia, do Oriente Médio, da África e de outros lugares no mundo em desenvolvimento. Ao contrário, ao eliminar o sistema de cotas baseado em raças, seus autores esperavam que os imigrantes viessem de sociedades “tradicionais” como Itália, Grécia, Polônia, países que trabalhavam com cotas muito pequenas na lei de 1924. A lei substituiu as cotas por categorias preferenciais baseadas em relacionamentos familiares e capacitação para o trabalho, atribuindo preferência especial a imigrantes potenciais com família nos Estados Unidos e ocupações consideradas fundamentais pelo Departamento de Trabalho dos EUA. Mas depois de 1970, seguindo o influxo inicial desses países europeus, começaram a chegar imigrantes de lugares como Coreia, China, Índia, Filipinas e Paquistão, assim como de países da África. Em 2000,

o volume da imigração para os Estados Unidos voltou aos números de 1900, e os Estados Unidos tornavam-se mais uma vez a nação formada e transformada por imigrantes.

Agora no início do século 21, a sociedade americana se encontra novamente às voltas com o debate sobre a imigração e o papel dos imigrantes na sociedade do país. Para alguns, os novos imigrantes parecem não desejar ou parecem incapazes de ser assimilados pela sociedade americana, muito comprometidos em manter suas ligações transnacionais e muito distantes dos valores essenciais americanos. Como nos períodos anteriores, alguns críticos dos imigrantes contemporâneos acreditam que eles tomam os empregos dos americanos e causam ônus indevido nos sistemas de educação, bem-estar social e assistência médica. Muitos participantes do debate consideram que o grande número de trabalhadores clandestinos (imigrantes sem documentação formal) representa um risco à estrutura básica da sociedade.

Os imigrantes, contudo, contam com defensores que ressaltam que cada nova onda de imigração inspirou medo, suspeita e preocupação nos americanos — inclusive nos filhos e netos dos primeiros imigrantes — e que os americanos alegaram, equivocadamente, que cada grupo de novos imigrantes não se adaptaria

#### A imigração em números

##### Área de nascimento da população nascida no exterior, 2000

Total	31.107.889
México	9.177.487
Caribe	2.953.066
Europa do Sul e do Leste	2.840.721
Leste Asiático	2.739.510
Europa Ocidental e do Norte	2.070.466
América Central	2.026.150
Centro-Sul da Ásia	1.745.201
Canadá e outros países da América do Norte	829.442
África Subsaariana	690.809
Oriente Médio e Cáucaso	658.603
Norte da África	190.491
Austrália, Nova Zelândia e ilhas do Pacífico	168.046

Fonte: Bureau do Censo, Departamento de Comércio dos EUA

de alguma forma e continuaria preso às suas maneiras antigas e estrangeiras. Defensores da imigração e a maioria dos historiadores da imigração argumentam também que os imigrantes enriquecem os Estados Unidos, em grande medida porque prestam serviços valiosos à nação.

Em todos os períodos da História dos EUA, da época colonial no século 17 ao início do século 21, mulheres e homens do mundo inteiro fizeram sua opção pela experiência americana. Eles chegaram aos Estados Unidos como estrangeiros com línguas, culturas e religiões que às

vezes pareciam estranhas à essência do país. Com o tempo, as idéias sobre a cultura dos EUA mudaram, os imigrantes e seus descendentes simultaneamente construíram comunidades étnicas e participaram da vida cívica americana, contribuindo para a nação como um todo. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Imigrantes Irlandeses nos Estados Unidos

Kevin Kenny



© AP Images

O presidente John F. Kennedy, cuja eleição em 1960 sinalizou o fim do nativismo anticatólico e antiirlandês, aparece aqui em encontro com primos em 1963, na Irlanda

*Os imigrantes irlandeses tiveram um começo difícil nos Estados Unidos, presos à pobreza urbana e insultados por alguns de seus vizinhos. Eles e seus descendentes superaram os obstáculos e venceram.*

*Kevin Kenny é professor de História na Faculdade de Boston, em Boston, Massachusetts.*

No século posterior a 1820, 5 milhões de imigrantes irlandeses foram para os Estados Unidos. A presença desses imigrantes provocou forte reação entre certos americanos nativos, conhecidos como nativistas, que criticavam os irlandeses pelo comportamento social, seu impacto na economia e pela religião católica. Entretanto, no começo do século 20, os irlandeses tinham se integrado com sucesso.

Todos os imigrantes legais que aceitam a

Constituição dos EUA têm o direito de se tornar cidadãos americanos, e imigrantes brancos encontraram relativamente poucos obstáculos na tentativa de fazê-lo. Apesar da hostilidade nativista, os irlandeses nunca enfrentaram racismo comparado com aquele cometido contra os afro-americanos e asiáticos, que foram excluídos da cidadania ou impedidos de entrar nos Estados Unidos. Aproveitando-se da identidade católica e em busca de oportunidades políticas não disponíveis na Irlanda, os irlandeses progrediram cada vez mais na sociedade americana.

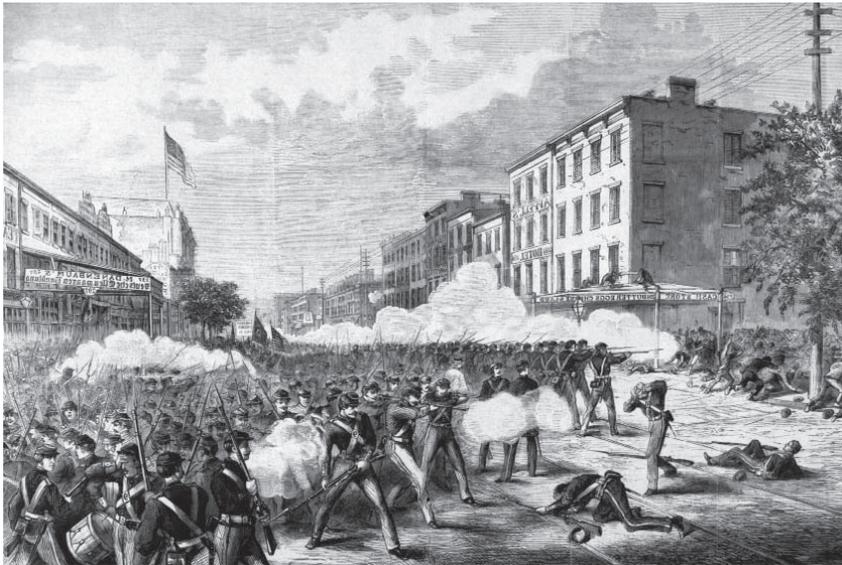
Os irlandeses constituíam quase metade de todos os imigrantes nos Estados Unidos na década de 1840 e um terço deles nos anos 1850. Esses números são extraordinários considerando que a Irlanda não é maior do que o estado do Maine, e sua população nunca

excedeu 8,5 milhões de pessoas. Entre 1846 e 1855, devido a enormes fracassos contínuos da cultura de batatas, a população irlandesa diminuiu um terço. Mais de 1 milhão de pessoas morreu de doenças relacionadas com a fome e a inanição e mais 1,5 milhão fugiu para os Estados Unidos. Muitos imigrantes irlandeses acreditavam que a fome poderia ter sido evitada. “O Todo-Poderoso, certamente, enviou a praga da batata”, escreveu o nacionalista e exilado político John Mitchel, “mas os ingleses criaram a fome”. No cerne da identidade do irlandês-americano a partir de então se instaurou um sentido de desterro e exílio.

### PRIMEIRAS LUTAS

Os imigrantes irlandeses da era da fome eram os mais desfavorecidos que os Estados Unidos já tinham visto. Alguns dos mais pobres viviam no bairro de Five Points da baixa Manhattan, na cidade de Nova York, descrito pelo novelista inglês Charles Dickens do seguinte modo: “exalava sujeira e imundície por todo lugar; ruas e becos cobertos com lama até o joelho”. Dickens escreveu que o lugar era cheio de “cortiços horrorosos batizados com nomes de roubos e assassinatos; tudo que é detestável, decadente e destruído está aqui”.

Os irlandeses pobres viviam em cômodos no subsolo, porões e em apartamentos de um quarto sem luz e ventilação natural e freqüentemente inundados pelo esgoto. Sofriam de índices de cólera alarmantemente altos, febre amarela, tifo, tuberculose e pneumonia. Também sucumbiam a doenças



Nativistas recorrem à violência contra católicos em algumas cidades; aqui milícia atira contra uma multidão de manifestantes antiirlandeses em Nova York, em 1871

### A imigração em números

#### População americana total e nascida no exterior

	Total	Nascida no exterior	Porcentagem
2000	281.421.906	31.107.889	11,1
1970	203.210.158	9.619.302	4,7
1940	131.669.275	11.594.896	8,8
1910	91.972.266	13.515.886	14,7
1880	50.155.783	6.679.943	13,3
1850	23.191.876	2.244.602	9,7

Fonte: Bureau do Censo, Departamento de Comércio dos EUA

mentais, muitas vezes complicadas pelo abuso do álcool. Foram responsáveis por um número extraordinariamente desproporcional de admissões em hospitais públicos e abrigos e lideraram os registros de detenções e prisões, em particular devido à conduta contrária à ordem pública. Na cidade de Nova York em 1859, por exemplo, 55% de todas as pessoas presas eram de origem irlandesa.

Os imigrantes irlandeses geralmente não eram qualificados, trabalhavam em troca de baixos salários e com freqüência eram usados como mão-de-obra substituta para furar greves. Os trabalhadores nativos recebavam que seus próprios salários diminuíssem como consequência dessa situação e que as conquistas do sindicalismo fossem reduzidas. Muitos americanos

também temiam que os irlandeses nunca progredissem socialmente, mas, ao contrário, se tornassem a primeira classe de trabalhadores permanente nos Estados Unidos, ameaçando o princípio central do modo de vida americano do século 19: mobilidade social por meio de trabalho árduo.

Igualmente perturbador para os nativistas era a religião dos imigrantes. Os imigrantes católicos irlandeses, afinal, seriam leais aos Estados Unidos ou à igreja em Roma? Deviam obediência a seus padres com relação a questões políticas? Uma igreja liderada por um papa, cardeais, arcebispos e bispos tinha lugar legítimo em



© AP Images/Shiho Fukada

Como demonstra o desfile do Dia de São Patrício em 2007, os irlandeses tornaram-se bons americanos sem sacrificar seu patrimônio cultural e religioso

uma república democrática? E por que os imigrantes católicos irlandeses enviavam seus filhos a escolas paroquiais segregacionistas em vez de usar o sistema público gratuito? A resposta dos irlandeses era de que a direção das escolas públicas era dominada por protestantes evangélicos. Liberdade para cultivar a fé de seus filhos como eles consideravam adequado, insistiam eles, era o que representavam os Estados Unidos.

Os nativistas atacavam os imigrantes irlandeses continuamente por causa do catolicismo. Em 1834, uma multidão incendiou o convento Ursuline em Charlestown, Massachusetts. Em 1836, nativistas em Nova York publicaram o livro *Awful Disclosures of Maria Monk [Terríveis Revelações de Maria Monk]* Monk, uma jovem emocionalmente abalada, afirmava ter testemunhado conduta sexual ilícita e infanticídio durante sua estadia em um convento. O livro foi um dos mais vendidos. Em 1844, manifestantes nativistas incendiaram duas igrejas católicas na Filadélfia em uma disputa sobre qual Bíblia deveria ser ensinada nas escolas públicas, a católica ou a versão protestante do Rei James.

### **A IDENTIDADE IRLANDESA-AMERICANA**

Rebatendo as acusações de lealdade dividida, os imigrantes irlandeses insistiam que podiam se tornar bons americanos, mas o faziam de acordo com seus próprios termos. Como falavam inglês e foram o primeiro grupo católico a chegar aos Estados

Unidos em grandes números, os irlandeses rapidamente assumiram o controle da Igreja Católica americana. Segundo um ditado popular, a igreja nos Estados Unidos era “Una, Santa, Católica e Apostólica — e irlandesa”. O catolicismo tornou-se o ingrediente mais importante da identidade irlandesa-americana.

O anticatolicismo permaneceu como parte da cultura americana até 1960, quando John F. Kennedy foi eleito presidente. Por muito tempo, os irlandeses dominaram a política de muitas cidades americanas — inclusive Nova York, Boston

e Chicago — controlando o Partido Democrata local. Na década de 1920, começaram a atuar no cenário nacional quando Al Smith tornou-se o primeiro católico a se candidatar a presidente. Smith tinha poucas chances de ser eleito, mas Kennedy, que era bastante consciente de sua herança irlandesa, finalmente enterrou a tradição anticatólica dos Estados Unidos. “Não sou o candidato católico a presidente”, declarou durante sua campanha. “Sou o candidato a presidente do Partido Democrata, que por acaso também é católico.” “Não falo pela minha igreja sobre questões públicas — e a igreja não fala por mim.”

Os imigrantes irlandeses tornaram-se bons americanos sem sacrificar seu patrimônio cultural e religioso. Demonstraram que a integração não é um processo unilateral no qual os imigrantes deveriam aceitar a cultura anglo-protestante dominante e renunciar às suas próprias tradições. Os imigrantes sempre transformam os Estados Unidos tanto quanto os Estados Unidos os transformam. Ao tornarem-se americanos a seu modo, os irlandeses criaram uma identidade étnica distinta e ajudaram a lançar as bases para o atual pluralismo cultural nos Estados Unidos.

Hoje os irlandeses são um dos grupos étnicos mais prósperos nos Estados Unidos, excedendo de maneira significativa as médias nacionais em termos de educação, situação ocupacional, renda e casa própria. Acompanhando a mobilidade social ascendente contínua durante o século 20, os irlandeses-americanos mudaram-se de comunidades urbanas fechadas no

Nordeste e Meio-Oeste para se estabelecerem em regiões periféricas, cidades pequenas e grandes em todo os Estados Unidos. Eles também casaram cada vez mais fora de seu grupo étnico, primeiro com outros católicos e depois com americanos em geral. O resultado desses desdobramentos é um sentido de identidade

comunitária muito menos coeso do que no passado. Mas os irlandeses-americanos retêm um forte orgulho étnico, especialmente nas esferas da política e da cultura. Ser irlandês-americano, afinal de contas, é ser parte de uma história de sucesso nacional. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Novas Formas de Ver e Pensar

Scott E. Page



Corbis© Bettmann

Albert Einstein, na foto ao fazer o juramento de cidadania em 1940, não foi o único imigrante a ganhar um Prêmio Nobel

*Uma explicação importante para o dinâmico sucesso da economia americana são as novas formas de ver e pensar levadas para o país por ondas de imigrantes do mundo todo.*

*Scott E. Page é professor de Sistemas Complexos, Ciência Política e Economia da Universidade de Michigan em Ann Arbor, Michigan, e membro externo do corpo docente do Instituto Santa Fé, em Santa Fé, Novo México, bem como autor de The Difference: How the Power of Diversity Creates Better Groups, Firms, Schools, and Societies [A Diferença: Como o Poder da Diversidade Cria Grupos, Empresas, Escolas e Sociedades Melhores].*

**A**s políticas de imigração dos Estados Unidos resultam em uma nação de diversidade. Essa diversidade — de cultura, nacionalidade, etnia e religião — contribui para a robustez e a produtividade da economia dos EUA. Mais objetivamente, essa diversidade explica, em parte, porque os Estados Unidos lideram o mundo em inovação e realização científica.

Os imigrantes costumam ser empreendedores. De 1995 a 2005, mais de um quarto de todas as novas empresas de alta tecnologia contavam com um imigrante

em suas equipes de liderança. Em 2005, essas empresas empregaram em torno de meio milhão de trabalhadores e geraram mais de US\$ 50 bilhões em receita. Entre elas estão Intel, Google, Yahoo!, Sun e eBay.

O impacto dos imigrantes na ciência é semelhante. Mais de um terço dos americanos ganhadores do Nobel de Ciência são imigrantes. Isso inclui os ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina em 2007, Mario Capecchi e Oliver Smithies, que lecionam em universidades públicas.

Independentemente do talento que possuam, parte do seu sucesso deve-se ao simples fato de contribuírem com habilidades diferentes e novas formas de ver e pensar. Quando os imigrantes chegam aos Estados Unidos, levam consigo a diversidade de histórias, narrativas, culturas e religiões. Levam também a determinação de vencer. Essas duas características — diversidade cognitiva e vontade — possibilitam aos imigrantes contribuir de modo substancial.

Dados mostrando os benefícios da diversidade cognitiva são inquestionáveis. Esses benefícios estão presentes na economia: os trabalhadores de cidades maiores onde há mais imigrantes são os mais produtivos



Karen Tam/© AP Images

Americano nascido na Grã Bretanha, Oliver Smithies, ao centro, foi um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina em 2007

da economia americana, em parte por causa da abundância de idéias diversificadas. Eles existem nas universidades: a pesquisa feita por equipes de pesquisadores com formação diversificada tem maior impacto do que a de acadêmicos solitários. E existem no mundo artístico e cultural: realizações nessas áreas dependem em especial do influxo de novas idéias levadas pelos imigrantes.

### **PERSPECTIVAS DIFERENTES**

Economistas, sociólogos e psicólogos começaram a desvendar os mecanismos pelos quais a diversidade atua. Por que uma sociedade diversificada produz mais inovações, mais avanços científicos e arte mais interessante? A resposta imediata é que a diversidade cultural e étnica se traduz em múltiplas formas de ver e pensar. Os cientistas sociais referem-se a isso como perspectivas e heurística.

“A onda do futuro não é a conquista do mundo por um único credo dogmático, mas a liberação de energias diversificadas de nações livres e homens livres”, disse o presidente John F. Kennedy.

Perspectivas diversificadas possibilitam às pessoas reformular um problema difícil e torná-lo fácil. Novos produtos, inovações científicas e novas formas de arte, tudo isso tem origem em perspectivas diversificadas. Depois de ver um campo arado, o inventor Philo Farnsworth descobriu como transmitir imagens pelo ar, pensamento inspirador que levou à descoberta da televisão. Nunca podemos prever que perspectiva levará a uma inovação,

informais aprendidas por meio da experiência, da educação e da família. Essas formas diversificadas de pensar permitem à sociedade fazer pequenas inovações coerentes, sejam elas no laboratório ou em uma linha de montagem.

O crescimento econômico e o progresso científico dependem da combinação entre avanços e inovação sustentada. Primeiro, alguém chega com uma nova perspectiva e surge a idéia da bicicleta, do computador pessoal ou de um negócio que permitirá às pessoas fazer leilões pela internet. Depois, outras pessoas passam décadas depurando e aperfeiçoando a idéia usando formas diferentes de pensar.

A imigração proporciona influxo contínuo de novas formas de ver e pensar — razão do grande sucesso dos imigrantes em novos negócios, na ciência e nas artes.

### **ALAVANCAGEM DA DIVERSIDADE**

Os benefícios econômicos, científicos e culturais da imigração não surgem sem a infra-estrutura política, social e econômica adequada. Sociedades diversificadas diferem das sociedades homogêneas de três maneiras importantes. Primeiro, a diversidade aumenta a complexidade. Administrar a complexidade nunca é fácil. Isso vale para economias, sociedades e equipes. As interações dentro de grupos e comunidades diversificados muitas vezes podem ser controversas e imprevisíveis.

Segundo, a comunicação de formas diferentes de ver

mas podemos incentivar diversas maneiras de ver para que a inovação ocorra naturalmente.

Formas diferentes de pensar produzem um número maior de aperfeiçoamentos pequenos e rotineiros do que as grandes inovações que podem advir de perspectivas diversificadas. Os membros de uma sociedade levam e adquirem uma grande quantidade de técnicas formais de resolução de problemas e de métodos práticos



Jonas Ekstromer/© AP Images

Americano nascido na Itália, Mario Capecchi, à esquerda, foi outro ganhador do Prêmio Nobel de Medicina em 2007

e pensar exige paciência e tolerância. O sucesso exige a aceitação da diferença. Exige olhar além da cor da pele de uma pessoa e ouvir idéias e não sotaques. Acima de tudo, o sucesso exige aceitar que uma outra pessoa, alguém diferente, possa ter uma resposta melhor.

Terceiro, grupos diversificados diferem não apenas na maneira de pensar e ver as coisas, mas também em seus objetivos e ideais. Se as pessoas discordam sobre suas preferências fundamentais — por exemplo, se perseguem objetivos nacionais distintos — então podem surgir problemas. Pessoas diferentes não podem se unir para resolver um problema se não concordarem sobre qual é o problema. As pessoas precisam concordar sobre seus objetivos e valores fundamentais. Do mesmo modo que há fortes indícios de que essas diferentes formas de ver e pensar geram imensos benefícios, evidências igualmente fortes sugerem que valores diferentes e arraigados podem criar grandes problemas.

## AMBIENTE APROPRIADO

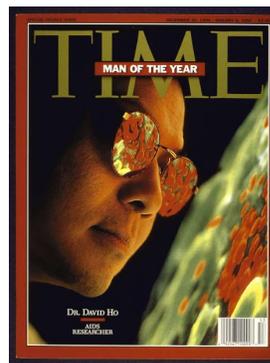
À luz dessas três características, os benefícios da diversidade criados pela imigração não podem florescer sem o ambiente apropriado. Esse ambiente deve incluir normas sociais informais adequadas — disposição para ouvir e aceitar diferenças — assim como leis formais, como as que proíbem discriminação com base na identidade. O resultado esperado é uma cultura nacional que, embora estimule as pessoas a pensar de modo diferente, também encontra ampla concordância com relação aos objetivos e princípios nacionais essenciais.

Por exemplo, em um sistema político saudável, as pessoas freqüentemente discordam sobre como enfrentar os desafios. Vemos isso nos Estados Unidos, nos debates sobre como financiar escolas públicas e elaborar políticas ambientais. Mas essas mesmas pessoas devem concordar com os fins de um modo geral: a importância da educação e um meio ambiente limpo.

Sem dúvida, as políticas de abertura à imigração criam diversidade cultural, étnica e religiosa. Mas também produzem diversidade cognitiva. Essa diversidade cognitiva contém os valores econômicos, científicos e culturais dos imigrantes. Novas formas de ver resultam em avanços. O imigrante taiwanês David Ho foi o primeiro a perceber que, embora nenhuma medicação antiviral

puddesse deter a Aids, um coquetel diversificado desses medicamentos poderia fazê-lo. Seguir essa lógica resultou em novas medicações para a Aids e na escolha de Ho como Homem do Ano pela revista Times em 1996. Ele salvou milhões de vidas.

Uma extensão da lógica de Ho explica o valor da imigração. Pessoas de culturas diferentes contribuem



Getty Images/© Time & Life Pictures

David Ho, nascido em Taiwan

com formas distintas de ver e pensar os desafios e as oportunidades de uma nação. Ninguém pode resolver todos os desafios, mas o constante influxo de formas novas e diversificadas de ver e pensar produzidas pela abertura à imigração assegura que coletivamente nós podemos. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Requisitos Gerais para Naturalização como Cidadão Americano

## IDADE

Com algumas exceções, os solicitantes devem ter no mínimo 18 anos de idade.

## RESIDÊNCIA

Um solicitante precisa ter sido legalmente admitido como residente permanente nos Estados Unidos. Admitido legalmente como residente permanente significa ter recebido dentro da lei o privilégio de morar permanentemente nos Estados Unidos como imigrante, de acordo com as leis de imigração.

## RESIDÊNCIA E PERMANÊNCIA FÍSICA

Um solicitante está qualificado a entrar com pedido de cidadania desde que, no período imediatamente anterior à solicitação:

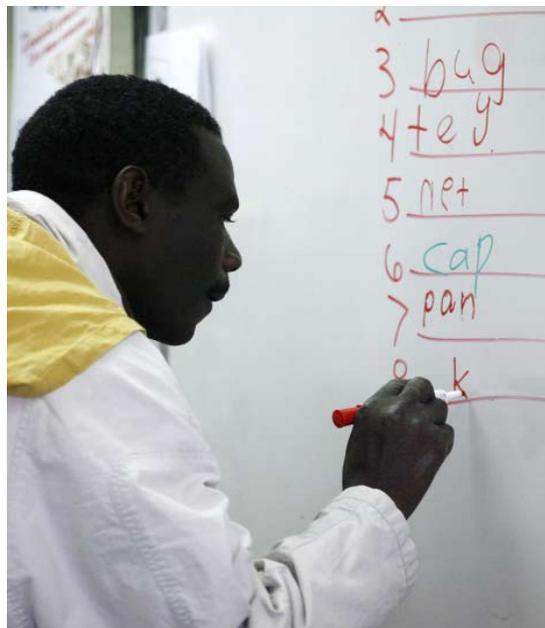
- tenha sido legalmente admitido como residente permanente (veja a seção anterior);
- tenha morado continuamente como residente permanente dos Estados Unidos, de acordo com a lei, por pelo menos cinco anos antes de entrar com o pedido de cidadania e desde que cada uma de suas ausências do país não tenha sido superior a um ano;
- tenha estado fisicamente presente nos Estados Unidos por no mínimo 30 meses durante os cinco anos precedentes;
- tenha residido em um estado ou distrito por pelo menos três meses.

## BOA CONDUTA MORAL

Em geral, um solicitante precisa demonstrar boa conduta moral durante o período estipulado por lei (normalmente cinco anos, embora sejam necessários apenas três anos para solicitante cujo cônjuge seja cidadão americano ou um ano se estiver servindo nas Forças Armadas dos EUA) anterior à apresentação do pedido de naturalização. Um solicitante terá seu pedido de naturalização negado permanentemente caso tenha sido condenado por assassinato ou crime qualificado. Uma pessoa não poderá ser considerada como tendo boa conduta moral se durante os últimos cinco anos tiver sido condenada por vários outros crimes.

## LEALDADE À CONSTITUIÇÃO

Um solicitante precisa demonstrar lealdade aos princípios da Constituição dos Estados Unidos.



Juma Kennedy, da Tanzânia, pratica ortografia em sala de aula na Cidade de Kansas, Missouri

© AP Images

## IDIOMA

Com algumas exceções, solicitantes à naturalização precisam saber ler, escrever, falar e entender palavras de uso comum no idioma inglês.

## CONHECIMENTO SOBRE GOVERNO E HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

Com algumas exceções, um solicitante à naturalização precisa mostrar conhecimento e compreensão dos fundamentos da história e dos princípios e da forma de governo dos Estados Unidos.

## JURAMENTO DE FIDELIDADE

Para se tornar cidadão, o solicitante precisa fazer o Juramento de Fidelidade (à Bandeira Americana). Ao fazer isso, o solicitante jura:

- defender a Constituição e obedecer às leis dos Estados Unidos;
- renunciar a qualquer fidelidade estrangeira e/ou título estrangeiro;
- pegar em armas pelas Forças Armadas dos Estados Unidos ou prestar serviços para o governo dos Estados Unidos quando solicitado. ■

Fonte: Serviços de Cidadania e Imigração, Departamento de Segurança Interna dos EUA

# Teste de Naturalização Reformulado

A partir de 1º de outubro de 2008, os Serviços de Cidadania e Imigração dos EUA submeterão os possíveis cidadãos a um teste de naturalização reformulado recentemente. O teste constará de 10 entre 100 perguntas possíveis e, para ser aprovado, o candidato em geral terá de responder corretamente a 6. Você pode testar seu conhecimento com os 10 exemplos seguintes tirados das 100 perguntas:

## Perguntas

1. Quantas emendas tem a Constituição?
2. Quais são as duas casas do Congresso dos EUA?
3. Em que mês se realiza a eleição para presidente?
4. O que faz o Poder Judiciário?
5. Qual é o nome do atual presidente da Câmara dos Deputados?
6. Quando os homens devem se alistar para o serviço militar?
7. Os Artigos Federalistas apoiaram a aprovação da Constituição dos EUA. Cite um dos autores.
8. O que fez Susan B. Anthony?
9. Cite uma tribo indígena dos Estados Unidos.
10. Por que a bandeira tem 50 estrelas?

## Respostas

1. 27
2. Senado e Câmara dos Deputados
3. Novembro
4. Analisa as leis; esclarece as leis; soluciona disputas; decide se uma lei é inconstitucional
5. Nancy Pelosi
6. Aos 18 anos ou entre 18 e 26 anos
7. James Madison; Alexander Hamilton; John Jay; Publius (pseudônimo)
8. Lutou pelos direitos das mulheres; lutou pelos direitos civis
9. Muitas respostas são possíveis, incluindo Cherokee, Navajo, Sioux, Chippewa, Choctaw, Pueblo, Apache, Iroquois, Creek, Blackfeet, Seminole, Cheyenne, Arawak, Shawneem Mohegan, Huron, Onelda, Lakota, Crow, Teton, Hopi, Inuit
10. Porque cada estrela representa um estado

Fonte: Serviços de Cidadania e Imigração dos EUA, Departamento de Segurança Interna



David R. Frazier/© DanitaDelmont.com

Antes de fazer o juramento, como fizeram esses novos americanos em Boise, Idaho, em 2007, é necessário responder algumas perguntas

# A Identidade Americana: Idéias, Não Etnicidade

Michael Jay Friedman



Ross D. Franklin © AP Images

Juramento de imigrantes como cidadãos em Phoenix, Arizona, em 2007, demonstra que ser americano não depende de nacionalidade ou etnia

*Desde a fundação dos Estados Unidos no século 18, os americanos se definem não pela identidade racial, religiosa ou étnica, mas por seus valores comuns e crenças na liberdade individual.*

*Michael Jay Friedman é historiador e escreve para o Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.*

“Estou em estado de espírito de Nova York.”

—Billy Joel

Em 2000, 35,9% dos habitantes de Nova York eram nascidos no exterior.

—Bureau do Censo dos Estados Unidos

**E**m 1782, menos de seis anos após os Estados Unidos da América terem declarado sua nacionalidade, Benjamin Franklin forneceu algumas “informações àqueles dispostos a se mudar para os Estados Unidos”. Entre a constelação dos grandes

atores históricos que os americanos conheceram como “pais fundadores dos Estados Unidos”, Franklin era em muitas maneiras o americano mais típico: se George Washington era inaccessivelmente augusto, Thomas Jefferson, amante dos livros e John Adams, austero, foi Franklin — inventor prático, homem de negócios engenhoso e catalisador cívico sempre ocupado — quem melhor compreendeu que seus compatriotas eram, como o historiador Walter McDougall os chamaria mais tarde, uma nação de empreendedores audazes. Nessa terra, Franklin explicou ao futuro imigrante:

As pessoas não querem saber sobre um estranho “O que ele é?”, porém, “O que ele pode fazer?” Se ele tiver qualquer ofício de utilidade, ele é bem-vindo, e se exercê-lo e se comportar bem, será respeitado por todos que o conhecem.

O comentário de Franklin foi fundamentado em observações pessoais: já em 1750, os imigrantes alemães



Imigrantes do Iraque, da Indonésia, da Índia e da Turquia vestindo trajes tradicionais reuniram-se em 1959 em frente à Estátua da Liberdade

ultrapassavam em número os ingleses em sua colônia da Pensilvânia. Os recém-chegados eram vistos como trabalhadores e obedientes à lei. Como eram agricultores habilidosos, melhoraram a terra e estimularam o crescimento econômico. Em 1790, quando o Congresso definiu o primeiro padrão nacional para cidadania naturalizada, não exigiu teste étnico, religioso, de alfabetização ou de exigência de propriedade — apenas dois anos de residência, bom caráter e juramento para defender a Constituição. Uma vez que a identidade americana é, como Franklin a entendia, fundamentada em ações e atitudes, e não em identidade racial, religiosa ou étnica, os americanos diferem de muitos outros povos tanto no modo como se definem, como no tipo de vida que decidem seguir. A adesão à comunidade nacional, segundo o estudioso na área cultural Marc Pachter, “exige somente a decisão de se tornar americano”.

Essa identidade americana comunitária engloba um pluralismo que abrange divisões raciais, religiosas e étnicas. Também engloba forte comprometimento cívico com a liberdade individual e com um governo representativo de poderes limitados e claramente definidos que respeite a liberdade.

### **CALDEIRÃO CULTURAL OU MOSAICO CULTURAL?**

A auto-imagem do americano sempre se valeu de uma tensão criativa entre o pluralismo e a assimilação. Por um lado, tradicionalmente espera-se que os

imigrantes mergulhem no “caldeirão cultural” americano, metáfora popularizada pelo dramaturgo Israel Zangwill na peça de 1908 *The Melting Pot [O Caldeirão Cultural]*, na qual um dos personagens declara:

*Entenda que os Estados Unidos são o Cadinho de Deus, o grande Caldeirão Cultural onde todas as raças estão se fundindo e mudando! Suas disputas e hostilidades não importam! Alemães e franceses, irlandeses e ingleses, judeus e russos — todos eles com você no Cadinho! Deus está criando o americano.*

A visão de Zangwill também não era nova. Em 1782, J. Hector St. John de Crèvecoeur, imigrante francês e observador perspicaz da vida americana, descreveu seus novos compatriotas do seguinte modo:

... uma mistura de ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses, alemães e suecos (...) O que é, então, o americano, esse novo homem? Ele não é europeu nem descendente do europeu; portanto, uma estranha mistura de sangue que você não encontrará em nenhum outro país. Eu poderia lhe mostrar uma família cujo avô era inglês, cuja esposa era holandesa, cujo filho casou-se com uma francesa e cujos quatro filhos têm agora quatro esposas de países diferentes. Ele é americano... deixou para trás todas as suas maneiras e preconceitos antigos ... .

O caldeirão cultural, contudo, sempre andou lado a lado com um modelo competitivo, no qual cada grupo sucessivo de imigrantes conserva uma medida de sua distinguibilidade e enriquece o americano como um todo. Em 1918 o intelectual público Randolph Bourne propôs um “país transnacional”. Bourne argumentou que os primeiros colonos ingleses “não vieram para serem assimilados em um caldeirão cultural americano (...) Vieram para ter liberdade de viver como desejavam (...) para fazer fortuna em uma nova terra”. Os imigrantes que vieram depois, continuou ele, não se fundiram em nenhum tipo de “americanismo homogêneo, inosso, sem cor”, pelo contrário, deram contribuições distintas ao conjunto maior.

O equilíbrio entre o caldeirão cultural e os ideais transnacionais varia com o tempo e as circunstâncias, mas nenhum dos modelos chega a ser dominante. Porém, sem dúvida, os americanos internalizaram um autorretrato que abrange um espectro de raças, credos e cores. Veja, por exemplo, os filmes populares que retratam os

soldados americanos em ação durante a Segunda Guerra Mundial. Tornou-se um clichê hollywoodiano ter em cada pelotão um menino de fazenda de Iowa, um judeu do Brooklyn, um carpinteiro polonês de Chicago, um madeireiro apalachiano e outros vários exemplos da masculinidade americana de meados do século 20. No início do filme, eles sofrem para superar as diferenças, mas no final todos estão unidos — como americanos. A vida real deve ter sido mais complicada ainda e, não menos, porque o soldado afro-americano servia em uma unidade segregada. Entretanto, esses filmes mostram a identidade americana na qual os americanos acreditavam — ou queriam acredita.

### INDIVIDUALISMO E TOLERÂNCIA

Se a identidade americana recebe todos os tipos de pessoas, também lhes oferece um vasto cardápio de oportunidades para se construírem e reconstruírem. Historicamente os americanos têm criticado os esforços de usufruir dos “acidentes de nascimento”, como riqueza ou condição social herdada. O artigo I da Constituição dos EUA proíbe o governo de conceder qualquer título de nobreza, e aqueles que cultivam ares de superioridade em relação aos seus concidadãos são normalmente depreciados por “fazer pose de superior”, ou coisa pior.

Os americanos, ao contrário, respeitam as pessoas que se fizeram por si mesmas, especialmente quando vencem grandes obstáculos para atingir o sucesso. O falecido escritor americano do século 19 Horatio Alger, considerado pela Enciclopédia Britânica como talvez o mais influente socialmente de sua geração, captou esse etos em suas histórias sobre a trajetória da miséria à riqueza, nas quais engraxates pobres ou outras crianças de rua alcançariam riqueza e fama por meio da ambição, do talento e da determinação.

Nos Estados Unidos, os indivíduos criam sua própria definição de sucesso. Pode ser riqueza financeira — e muitos são os que abandonam a faculdade para trabalhar na garagem dos pais na esperança de criar o próximo Google, a próxima Microsoft ou a próxima Apple Computer. Outros talvez prezem as alegrias da arena esportiva, de criar música ou arte de qualidade ou de formar uma família adorável. Porque os americanos rejeitam limites, sua identidade nacional não é — não

### A imigração em números

#### Cidadãos e não-cidadãos americanos estimados em 2006

Total da população	299.398.485
Cidadãos por nascimento	261.850.696
Cidadãos por naturalização	15.767.731
Não-cidadãos	21.780.058

Fonte: Bureau do Censo, Departamento de Comércio dos EUA

pode ser — limitada pela cor da pele, ascendência ou pelo templo religioso que freqüentam.

Os americanos têm crenças políticas diferentes, abraçam (muitas vezes de maneira exagerada) estilos de vida divergentes e insistem na liberdade individual ampla, mas o fazem com notável grau de tolerância mútua. Um elemento fundamental é a forma representativa de governo: nenhum cidadão concorda com todas as decisões do governo americano; todos sabem que podem reverter essas políticas persuadindo seus concidadãos a votar pela mudança na próxima eleição.

Outro elemento importante são as fortes garantias que protegem os direitos de todos os americanos contra as extrapolações do governo. Tão logo a Constituição dos EUA foi ratificada, os americanos exigiram e receberam a Declaração de Direitos: dez emendas constitucionais que salvaguardam os direitos básicos. Não há simplesmente uma única imagem do americano “típico”. Dos fundadores dos Estados Unidos com perucas empoadas ao campeão de golfe multirracial Tiger Woods, os americanos compartilham uma identidade comum baseada na liberdade — sempre coerente com o respeito à liberdade das outras pessoas — para viver como escolheram. Os resultados podem desconcertar, fascinar e inspirar. A maior estrela do hip-hop do Camboja vive no sudeste da Califórnia. (cambojo-americano, ele usa o nome “praCh”). Walt Whitman, o maior poeta nacional produzido pelos americanos, não teria ficado surpreso. Sobre seu país, Whitman escreveu: “Sou grande, contendo multidões.” ■

# Um Mercado de Diversidade

Fotografias de David Snider

Suponha que você vá almoçar no Reading Terminal Market, na região central da Filadélfia, sob o antigo abrigo de trem da Reading Railroad. Bem, você terá uma variedade de comidas típicas à sua escolha: mexicana, italiana, “soul food” afro-americana, Pensilvânia Dutch (alemã), chinesa, judaica, do oriente médio, tailandesa, indiana-paquistanesa, grega, francesa, japonesa. E depois, a sobremesa.



Semanalmente mais de 100 mil pessoas provam a comida dos 80 restaurantes do Reading Terminal Market



Sabina Ahmad e Tayyaba Khanoum preparam “fresh nan” (pão) e outros pratos do Sul da Ásia



Nascido no Japão, David Dinh serve sushi no almoço



Watson Parks, de Trinidad e Tobago, vende jóias, roupas e esculturas africanas em seu espaço



Alemã da Pensilvânia recebe pagamento



O Reading Terminal Market é um lugar para se observar a diversidade da América debaixo de um mesmo teto

# A Boa Estudante Imigrante

Bich Minh Nguyen

*A família da autora deixou Saigon em 29 de abril de 1975, quando ela tinha apenas oito meses de idade. Após viver em campos de refugiados nas Filipinas, em Guam e em Fort Chaffee, Arkansas, eles se estabeleceram em Grand Rapids, Michigan. Este texto foi tirado do seu livro *Stealing Buddha's Dinner* (Roubando o Jantar de Buda) e do ensaio "The Good Immigrant Student" ("A Boa Estudante Imigrante").*

*Nguyen é professora assistente de redação criativa e literatura asiática-americana na Universidade Purdue em West Lafayette, Indiana. Ela também é autora da autobiografia *Stealing Buddha's Dinner* (Roubando o Jantar de Buda) (Viking Penguin, 2007).*

Chegamos em Grand Rapids com cinco dólares e uma mochila de roupa. O Sr. Heidenga, nosso protetor, arranjou-nos uma casa alugada, alguns mantimentos — arroz em caixa, macarrão de ovos, latas de ervilha — e nos deu vestidos que haviam ficado pequenos para suas filhas. Ele contratou meu pai para trabalhar com uma máquina de enchimento na North American Feather, uma de suas fábricas. O Sr. Heidenga usava casacos esportivos e tinha cabelo loiro. Minha irmã e eu fomos ensinadas a dizer seu nome em voz baixa em sinal de respeito. Mas se ele passasse para uma visita rápida, minha avó pedia para ficarmos em silêncio porque isso fazia parte de ser bom. Oi meninas, costumava dizer, inclinando-se para passar a mão na nossa cabeça.

Era julho de 1975, mas sentíamos frio. Era sempre frio, depois do Vietnã, e meu tio Chu Cuong, em um gesto impetuoso, gastou dois dólares da família em um casaco do Exército de Salvação, o que fez com que ganhasse o desdém da minha avó. Porque éramos sete na casa cinza da Rua Baldwin: meu pai, minha avó Noi, três tios, minha irmã e eu. O andar de cima era dos meus tios e em baixo minha irmã e eu dividíamos um quarto com Noi. Meu pai não conseguia dormir a noite inteira. Ele andava pela casa e verificava de novo a fechadura da porta da frente; ele olhava de lado pelas janelas amarradas com fita, no caso de haver alguém à espreita na rua.

\*\*\*

Atingi a maioridade nos anos 1980, antes de a diversidade e a consciência multicultural fazerem sua entrada no oeste de Michigan. Antes de étnico ser legal.



Cortesia: Bich Minh Nguyen

Bich Minh Nguyen, menina que fugiu de Saigon, lutou para se tornar americana em Grand Rapids, Michigan, cidade escolhida como uma das mais representativas dos ideais americanos por sua boa governança

Antes de restaurantes tailandeses começarem a surgir em cada cidade. Quando penso em Grand Rapids, lembro dos seus letreiros cheios de imagens de bandeiras ondulantes, proclamando ser uma cidade "tipicamente americana". Durante a década de 1980 um letreiro gigante que pairava sobre a auto-estrada na área central da cidade exibia a frase para todos os que faziam o trajeto da curva S de três faixas. Quando criança, eu não conseguia imaginar o real significado de "tipicamente americano". Era uma promessa, uma ameaça ou um aviso?

\*\*\*

Quando eu tinha três anos meu pai se casou com Rosa; ela queria que minha irmã e eu tivéssemos uma educação bilíngüe. Ela não acreditava em assimilação total, mas em preservação; também receava a predominância avassaladora do inglês, tirando de nossas cabeças o idioma vietnamita. Ela tinha razão. Minha irmã e eu nos sentíamos americanizadas assim que ligávamos a televisão.

Eu conhecia várias crianças imigrantes que tentavam usufruir ambos os mundos: conservar a língua no âmbito



Cortesia: Bich Minh Nguyen

Bich, segurando seu primo bebê, David, está sentada entre sua irmã Anh, à esquerda, e a meia-irmã, Christine, nessa foto de 1980

doméstico e familiar; usar o inglês na escola, com amigos e em qualquer lugar do mundo. Por uma razão ou outra, não consegui manter essa vida dupla. Passei a maior parte dos meus anos de escola tentando passar despercebida. Como não podia desaparecer na multidão, tinha vontade de sumir por completo. Qualquer pessoa podia ter confundido isso com passividade. Uma vez, na segunda série, eu deixei de ser vista na viagem de ônibus para casa. Costumava descer na terceira parada, mas nesse dia a motorista do ônibus pensou que eu não tinha vindo e passou direto pela esquina da minha rua. Fiquei calada. O ônibus seguiu seu caminho em direção ao centro da cidade, e eu pude ver onde as outras crianças moravam — algumas delas em bairros ótimos e bem cuidados e outras em ruas onde as janelas eram vedadas com tábuas. Durante todo esse tempo, a criança sentada no corredor próximo de mim escutava sem parar em um aparelho de som portátil a mesma canção alegre. *Passe o doochee do lado da mão esquerda, passe o doochee do lado da mão esquerda.* Ele e o seu irmão foram as últimas crianças a descer do ônibus. Só então a motorista me viu pelo espelho retrovisor. Ela caminhou até onde eu estava sentada e disse: “Por que não me falou que estava aqui?” Balancei a cabeça dizendo que não sabia. Ela suspirou e me levou para casa.

Depois, na escola de ensino médio, aprendi a esquecer um pouco de mim. Aprendi a doçura da apatia, a ignorar minha pele e meu corpo por um minuto ou dois, quase sem me incomodar com o que aconteceria se eu entrasse atrasada em uma sala e todas as cabeças se virassem para mim. Aprendi a sentir o prazer vindo da perda da consciência de si mesmo, por mais tênue que seja. Essas coisas ocorreram porque sempre fui a boa estudante imigrante, que quase não levantava a mão ou mostrava o

que sabia. Meu trabalho era decorar e eu concordava por concordar. Nunca passei pelo terror de falar na aula, mas há um hiato entre ser boa e passar despercebida, e nessa fresta de liberdade eu aprendi qual era o sentimento de andar no mundo à vista de todos.

Gostaria de fazer uma declaração abrangente e precisa sobre crianças imigrantes nas escolas. Gostaria de falar em nome de todas elas (de todos nós). Bem, eu hesito; eu não posso. Minha própria irmã, por exemplo, nunca foi tímida como eu — em vez do silêncio, ela escolheu a rebelião. Nós tínhamos um trato: eu fazia alguns trabalhos para ela em troca de dinheiro e balas; ela me dava caronas para a escola se eu promettesse não contar a ninguém de seu hábito de fumar. Ao mesmo tempo, eu me lembro de uma amiga indiana e de uma experiência que viveu no ensino fundamental, quando uma colega loura disse ao professor: “Eu não posso sentar ao lado dela. Minha mãe falou para não sentar ao lado de alguém moreno”. E outra amiga, cuja família imigrou praticamente na mesma época da minha, cuja professora da segunda série usou-a como exemplo de vocabulário: “Crianças, eis aqui o que é ser estrangeiro.” E algumas vezes me vejo a pensar que as crianças de hoje têm a vantagem de ter uma sabedoria cultural coletiva muito maior, de serem muito mais conscientes do ponto de vista social e político do que qualquer pessoa nos meus tempos de escola.

Mas tenho medo de estar errada e de que sempre haverá algumas crianças desejosas de desaparecer e desaparecer, até conseguirem seu intento. Às vezes pareço vê-las em uma foto de revista de fundo esmaecido ou em um bando de crianças seguindo um auxiliar de professor na rua. As crianças com as cabeças abaixadas, de tal forma contidas que parecem ouvir o som da sua própria respiração. Pequenas, tímidas, quietas — crianças tão boazinhas, boazinhas, *imigrantes, estrangeiras*, de olhos atentos e à espera de algum julgamento que possa porventura ser feito. Procuo me tranquilizar pensando que elas crescerão saudáveis, que ficarão ok, que as coisas darão certo para elas como de certa forma deram para mim. Pode acontecer de eu atravessar a mesma rua, depois outra, olhando para trás de vez em quando para ver onde estão indo.

*Reproduzido por acordo com a Viking, membro do Penguin Group (USA) Inc., do livro Stealing Buddha's Dinner (Roubando o Jantar de Buda) de Bich Minh Nguyen. Reproduzido do ensaio “The Good Immigrant Student” (“A Boa Estudante Imigrante”) de Bich Minh Nguyen, com permissão da autora. ■*

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Uma Força de Combate Diversa

Lisa Alley



Exército dos EUA

No treinamento básico do Forte Jackson, Carolina do Sul, recrutas de diversas culturas aprendem a cultura do Exército dos EUA

*O Exército dos EUA instrui seus funcionários militares e civis para que entendam e respeitem diferentes culturas étnicas. Ele constrói uma força de combate eficaz a partir de pessoas com diferentes formações, valorizando a força e a experiência de todos e unindo-os na cultura do Exército.*

*Lisa Alley é assessora de Relações Públicas do Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos EUA no Forte Monroe, Virgínia.*

**S**e você fosse um sargento encarregado do treinamento observando uma formação típica de recrutas do Exército dos EUA em seu primeiro dia de treinamento básico, você olharia os rostos masculinos e femininos e veria uma salada de grupos étnicos genericamente definidos pelo Exército como caucasianos, afro-americanos, hispânicos, asiáticos do Pacífico, indígenas americanos ou “outros”.

Da sua companhia de treinamento básico de, digamos, 100 soldados, 85 seriam homens e 15 seriam mulheres. Esses 85 homens da companhia talvez estejam

distribuídos da seguinte forma: 60 brancos, 10 negros, 10 hispânicos, 4 asiáticos do Pacífico e 1 indígena americano. Entre as 15 mulheres, a distribuição talvez seja de 8 caucasianas, 4 afro-americanas, 2 hispânicas e 1 ilhéu do Pacífico asiático.

Alguns podem achar essa salada de diferentes origens nacionais, grupos étnicos de dentro dos Estados Unidos e ambos os gêneros como uma mistura não apetitosa que prenuncia muita dor de barriga, mas o Exército dos EUA é uma das forças de combate mais eficazes do mundo, sendo conhecida como modelo de diversidade. De algum modo, o Exército faz seu trabalho. Como?

O sucesso do Exército deve-se ao treinamento dado por seus oficiais subalternos: sargentos encarregados do treinamento, instrutores, assessores para igualdade de oportunidades. Os oficiais subalternos que atuam como treinadores apontam duas chaves para o sucesso do Exército.

## CHAVES PARA O SUCESSO

Uma chave é o Programa de Igualdade de Oportunidades do Exército para instruir sua força de trabalho militar e civil de modo a entender e respeitar as diferentes culturas e pontos de vista do Exército.

“Como sociedade, ainda não ultrapassamos as barreiras de raça e gênero, e o Exército não é diferente”, afirmou a sargento de primeira classe (*Sergeant 1st Class*) Michelle Fonseca, uma havaiana nativa. Michelle é assessora para igualdade de oportunidades no Forte Benning, na Geórgia, onde instrui pessoas na compreensão da diversidade. “No entanto, como instituição, somos líderes sociais em igualdade e justiça para todos. Proporcionamos conscientização e continuamos a promover dignidade e respeito para todos os soldados, independentemente de raça ou cor, religião, gênero e origem nacional.”

A outra chave é o que se chama “soldadização” no treinamento básico, quando os sargentos encarregados do treinamento transformam novos recrutas em soldados. Os sargentos de treinamento ensinam aos novos soldados os sete valores fundamentais do Exército: lealdade, dever, respeito, serviço abnegado, honra, integridade e coragem pessoal. Esses valores são inculcados no Exército e em todos os outros colegas de farda. A diversidade é enfrentada especialmente pelo valor que o Exército atribui ao respeito e pelo Código do Soldado, pelo qual os soldados se comprometem a tratar os outros com dignidade e respeito, esperando que os outros façam o mesmo.

“Fazer [novos soldados] passar pelo processo de ‘soldadização do Exército’ é uma experiência incrível”, afirmou o sargento-ajudante (*Master Sergeant*) Tony McClure, assessor sênior para igualdade de oportunidades do Comando de Treinamento e Doutrina do Exército em Forte Monroe, Virgínia. De ascendência tailandesa e afro-americana, McClure falou sob a perspectiva de um ex-sargento de treinamento, instrutor da Escola Aerotransportada, diplomata americano na África e primeiro sargento da companhia.

“O ambiente de treinamento por si só amalgama soldados de diferentes origens nacionais, grupos étnicos e sexos porque os soldados precisam conviver uns com os outros e lidar com as diferenças uns dos outros, boas ou más”, declarou McClure. “Pode-se perceber que o Exército está fazendo um bom trabalho quando se vê as mudanças ocorridas em cada soldado ao se formar e [se ouve] o feedback de seus pais, dizendo que sua filha ou seu filho tornou-se uma nova mulher ou um novo homem.”

## LIGAÇÕES COMPARTILHADAS

Ao formar equipes de soldados de diferentes origens, os oficiais subalternos se concentram naquilo que os une: seu serviço no Exército.

Para Michelle Fonseca, a cultura do Exército é um sistema social que inclui valores, crenças, hábitos e tradições compartilhados.

“Com frequência, quando entramos em contato com pessoas de várias raças ou origens étnicas, nossa preocupação se volta mais para as diferenças existentes entre nós do que para o que podemos ganhar e conquistar ao compartilhar nossas experiências e perspectivas”, declarou. “Para construir uma força de combate eficaz, precisamos reconhecer que cada membro da organização é valioso e tem algo singular com que contribuir.”

Reconhecer os benefícios da diversidade, as forças e as experiências de cada membro militar é fundamental para o sucesso, afirmou.



A “soldadização” no Forte Jackson inclui treinamento de trabalho em equipe

Sargento técnica Denise Rayder/Força Aérea dos EUA

Segundo Michelle, quando ela ingressou no Exército não tinha outras expectativas a não ser viajar, buscar instrução e conhecer pessoas. Conhecer outros soldados de diferentes origens raciais e étnicas foi um choque cultural para ela, porque eles não tinham nada em comum em termos pessoais.

“Aprendi a criar laços com outros soldados com base na ligação que experimentamos juntos no Exército”, disse Michelle. “Os soldados têm um fio condutor em comum: lealdade, dever e compromisso para com o nosso país. Juntos, treinamos, lideramos, combatemos e com frequência morremos.”

### ESPAÇO PARA MELHORIAS

Para os oficiais subalternos, o Exército não é perfeito quando se trata de diversidade. “Há coisas

que o Exército poderia fazer melhor”, disse o sargento de primeira classe (Sergeant 1st Class) Matt Ruan, encarregado do treinamento do 229º Batalhão de Inteligência Militar do Presídio de Monterey, na Califórnia. Ruan emigrou da China para os Estados Unidos em 1992 e naturalizou-se cidadão americano em 1997.

“Por exemplo, as minorias constituem uma boa porcentagem da nossa força, mas na Divisão de Inteligência Militar apenas uma pequena porcentagem é [membro de uma] minoria, especialmente nas posições de liderança”, declarou. Por outro lado, afirmou, no conjunto do Exército a liderança das minorias supera a dos brancos em algumas outras divisões. Exemplo disso é o Forte Jackson, na Carolina do Sul, uma das principais bases de treinamento do Exército onde, segundo Ruan, “as minorias em posição de liderança,

### A imigração em números

#### Língua e renda dos nascidos no exterior

	Nascidos no exterior: Ingresso em 2000 ou depois	Nascidos no exterior: Ingresso de 1990 a 1999	Nascidos no exterior: Ingresso antes de 1990
Língua falada em casa em porcentagem			
Somente inglês	10,3%	11,4%	21,4%
Outra língua diferente do inglês	89,7%	88,6%	78,6%
Falam inglês menos que “muito bem” em porcentagem			
	64,5%	55,2%	43,7%
Renda doméstica média em 2006 em dólares corrigidos pela inflação			
	US\$ 35.807	US\$ 42.649	US\$ 49.289
Renda média da população de 15 anos ou mais que teve renda em 2006, em dólares corrigidos pela inflação			
Total de nativos e de nascidos no exterior	US\$ 24.287		
Nascidos no exterior	US\$ 21.563		

Fonte: Bureau do Censo, Departamento de Comércio dos EUA

especialmente os afro-americanos, são em número muito maior que os americanos brancos”.

Michelle Fonseca disse que muitas vezes o Exército age de modo mais reativo do que proativo na eliminação da discriminação e no enfrentamento das questões raciais.

Segundo ela, “às vezes esquecemos que os soldados são seres humanos, não máquinas”. “Para ser uma força de combate eficaz, precisamos lembrar o aspecto humano de nossa força e de seus membros.”

Um endosso da diversidade vem de alta autoridade do Exército, ao dizer que o exemplo do Exército dos EUA no Iraque ajudou esse país do Oriente Médio a fazer de seu exército uma equipe, composta por muçulmanos sunitas e xiitas, curdos e pessoas de outros grupos.

“Creio firmemente que a força do nosso Exército vem da nossa diversidade”, disse o general George Casey, chefe do Gabinete do Exército. Ver como os soldados americanos de diferentes nacionalidades trabalham juntos “realmente ajudou o exército do Iraque a manter seu papel como a única organização não sectária em todo o país”, declarou, “portanto, se você procura o impacto da força, a diversidade de uma organização, não procure mais além” ■

# Imigrantes que se Deram Bem

Os Estados Unidos e seus imigrantes enriqueceram-se mutuamente. As contribuições de alguns desses imigrantes para a economia global provocaram mudanças de vida. Alguns deles estão retratados aqui.

## Andrew Grove

Refugiado dos nazistas e da invasão comunista soviética de 1956 em sua terra natal, a Hungria, Andras Grof chegou aos Estados Unidos em 1957 e mudou seu nome para Andrew Grove. Graduou-se em Engenharia Química e chegou a chefe da Intel Corporation, um dos principais fabricantes de semicondutores e microprocessadores.

“Cheguei aos 20 anos sempre ouvindo que eu era indesejável por uma razão ou outra”, disse Grove posteriormente. “Cheguei aos Estados Unidos e esperava que acontecesse o mesmo porque era imigrante. E não aconteceu.”



Al Seib/© Los Angeles Times



Comissão Internacional de Resgate/© AP Images

## Isaac Larian

As memórias de infância de Isaac Larian no Irã são coloridas pelo “trabalho árduo constante” de ajudar seu pai a dirigir uma loja de tecidos ao invés de se divertir com brinquedos ou jogos. Larian emigrou para os Estados Unidos em 1971, estudou Engenharia, depois teve vários negócios. Ele demonstrou talento para desenvolver brinquedos e jogos que as crianças adoravam. Hoje Larian é presidente e executivo-chefe da maior empresa privada de brinquedos do mundo, a MGA Entertainment, com sede em Van Nuys, na Califórnia — e foi considerado o “empresário do ano” por uma importante empresa de contabilidade.

## Vinod Khosla

“Sonhei muito em chegar ao Vale do Silício”, diz o investidor de capital de risco Vinod Khosla. Chegando aos Estados Unidos proveniente da Índia com um diploma de Engenharia Elétrica, Khosla continuou seus estudos na Universidade Carnegie Mellon e na Universidade de Stanford. Com alguns colegas de Stanford, Khosla fundou a Sun Microsystems, uma das empresas da Fortune 500 especializada em redes de computadores e tecnologia da informação. Como investidor de risco, Khosla patrocinou a implantação de várias empresas de alta tecnologia bem-sucedidas. Hoje ele trabalha no aperfeiçoamento do etanol “celulósico” criado por bioengenharia, uma fonte de energia limpa e eficiente derivada de resíduos agrícolas, e ajuda a manter instituições beneficentes que dão assistência a microempresas. “Eu nunca trabalho”, afirma. “Apenas sigo as regras do jogo e sinto prazer nisso.”



Jennifer Szymaszek/© AP Images

## Sergey Brin

Natural de Moscou, Sergey Brin chegou aos Estados Unidos com sua família aos seis anos. Ganhou uma bolsa de estudos de pós-graduação na Fundação Nacional de Ciência e estudou Ciência da Computação na Universidade de Stanford. (“Ele simplesmente transbordava inteligência”, disse mais tarde um assessor de Stanford.) Lá encontrou o colega Larry Page. Os dois conceberam um algoritmo superior para classificar os resultados dos mecanismos de busca da internet. Eles criaram sua própria empresa de busca, a Google, em 1998. A empresa lançou suas ações em bolsa em 2004, com uma capitalização de mercado inicial de mais de US\$ 23 bilhões.



© AP Images

## Levi Strauss

Nascido em 1829 na Bavária, Löb Strauß emigrou para os Estados Unidos com sua família aos 18 anos, adotando o nome que mais tarde adornaria as costas de muitas calças em todo o mundo. Com a Corrida do Ouro na Califórnia em 1848, Strauss partiu para São Francisco a fim de fornecer roupas para um número crescente de garimpeiros de ouro. Duráveis e confortáveis as calças de brim tornaram-se um de seus itens mais populares. Em 1873, Strauss e o alfaiate Jacob Davis patentearam o processo de reforçar essas calças rebitando com cobre os cantos dos bolsos — o primeiro blue jeans. Em 1886 surgiu a marca comercial “two-horse” com reforço em couro e em 1936, a “red tab”. Atualmente, bilhões de jeans Levi’s são vendidos em todo o mundo.

## I.M. Pei

Nascido de família rica na China, Ieoh Ming Pei chegou aos Estados Unidos em 1935 para estudar Arquitetura e permaneceu porque a Segunda Guerra Mundial impediu seu retorno à China. Como arquiteto, o uso sensual de materiais e as formas geométricas audaciosas chamaram a atenção do mundo para suas estruturas esculturais, incluindo o terminal do Aeroporto JFK em Nova York, a Asa Leste da Galeria Nacional de Arte em Washington e uma controversa pirâmide de vidro no pátio do Museu do Louvre em Paris.



Owen Franken/© Corbis



Douglas C. Pizac/© AP Images

# Competência Cultural É Requisito na Economia Atual

Da equipe de redação da DiversityInc



Damian Dovarganes © AP Images

O representante do atendimento ao consumidor Ghaer Martinez, à direita, auxilia Hovanes Keshishian em loja da Verizon em Los Angeles, em 2005

*A gigante das telecomunicações Verizon Communications emprega mão-de-obra multiétnica para atender à sua clientela multiétnica. É um bom negócio, mas exige esforço e comprometimento. Às vezes, grupos de imigrantes ingressam na economia dominante, quando esta se abre.*

*A DiversityInc é a publicação líder em diversidade corporativa.*

**N**a economia global de hoje, funcionários e clientes vêm de culturas distintas e falam várias línguas diferentes. As empresas que pretendem competir no mercado precisam ser fluentes nos idiomas e nas nuances culturais das comunidades.

Uma empresa americana que entende isso e construiu uma forte base de clientes e funcionários é a gigante das telecomunicações Verizon Communications, a número seis na lista das 50 principais empresas

pela Diversidade de 2007 da DiversityInc. A Verizon desenvolveu vigorosa força de trabalho e gerência multiculturais ao se dedicar aos consumidores para os quais o inglês é a segunda língua.

A Verizon oferece produtos e presta serviços em idiomas estrangeiros. Houve um tempo em que esse esforço significava a contratação de um número mínimo de operadores que falassem espanhol. Atualmente isso significa avançar externa e internamente com a construção de relacionamentos entre funcionários de origens culturais distintas. Com esse objetivo, a Verizon conta com fortes grupos de recursos de mão-de-obra sancionados pela empresa que são valorizados tanto como ferramenta de recrutamento e retenção quanto por sua contribuição nos mercados consumidores.

Esses grupos de funcionários têm como base a filiação a grupos tradicionalmente subrepresentados,

geralmente levando em conta raça, etnia ou orientação sexual. A empresa paga esses grupos, permite que eles se reúnam durante o expediente e há um executivo sênior em cada um deles. Os grupos são usados para ajudar a recrutar e reter funcionários e para ganhar idéias e testar planos de venda aos consumidores.

“É uma jornada não só para a empresa, mas para cada indivíduo que constitui a empresa”, explica Magda Yrizarry, vice-presidente da Verizon para cultura, diversidade e conformidade no local de trabalho. “Se você só consegue ver talento em um pacote que se parece exatamente com você, você tem um problema, porque nossa clientela não se parece necessariamente com você.”

A mão-de-obra diversificada da companhia é exemplificada pela retenção de funcionários afro-americanos, asiáticos e hispânicos, os quais apresentam as mesmas taxas de permanência na empresa, ou até mais altas, que os funcionários brancos. A empresa informou que em 2006 39% de seus gerentes eram afro-americanos, asiáticos ou hispânicos.

A Verizon, focada na diversidade, tem 12 centros de atendimento ao cliente que prestam serviços em espanhol, coreano, mandarim, cantonês, vietnamita e russo. Para clientes que são proprietários de pequenas empresas, a Verizon presta serviços em espanhol, coreano, mandarim, cantonês e vietnamita.

“Esse esforço data do início dos anos 1970, mas naquela época eram apenas cinco ou seis pessoas em um centro de atendimento principal que atendiam chamados em outros idiomas”, informou Pedro Correa, vice-presidente de vendas para consumidores e empresas de vários idiomas das lojas de varejo Verizon Plus.

Hoje, a Verizon emprega mais de 1.500 pessoas em seus centros de atendimento que prestam serviços em outros idiomas que não o inglês. “Isso mostra a que ponto chegaram o mercado e o país”, disse Correa. “Antigamente, isso era um modo de sobrevivência.” “Atualmente, existe uma razão comercial para isso.” “O retorno do investimento paga-se por si só.”

A Verizon calcula que seu segmento de clientes de

vários idiomas esteja crescendo à taxa de 9% ao ano. Os hispânicos representam atualmente 11,2% de sua clientela nos EUA, e os asiático-americanos, 6,7%.

A receita da Verizon deu um salto em torno de 10% a 20% graças a seus esforços para atender em vários idiomas. “Aumentar a satisfação do cliente por meio da prestação de serviços em vários idiomas compensa as perdas, ao induzir à fidelidade, que por sua vez leva ao crescimento”, explicou Correa. Correa também é responsável pelas 62 lojas Verizon Plus da empresa. Essas lojas, que atendem em vários idiomas, rendem até 20% a mais do que as lojas que não têm esse serviço. Dos 660 funcionários que trabalham nessas unidades, cerca de metade é hispânica, asiático-americana, afro-americana ou indígena americana, e cerca de metade é fluente em um dos idiomas estrangeiros falado pelos consumidores que formam a clientela das lojas.

“Consumidores hispânicos e asiáticos preferem fazer negócios pessoalmente, portanto, oferecemos essa alternativa em nossas lojas e também prestamos o atendimento em seu idioma”, informou Correa.

Para a Verizon, uma empresa que concorre com pesos pesados como AT&T, Qwest, Sprint Nextel, Comcast e Time Warner, construir fidelidade à marca é o mesmo que sobreviver.

Segundo Correa, “nos negócios, criar um relacionamento com o cliente é fundamental”. “Fazemos isso, portanto, porque trata-se de aumentar a satisfação dos clientes, o que, em última instância, faz com que eles comprem mais produtos e serviços.” Yrizarry acrescentou: Criar e manter uma cultura que valorize e lide efetivamente com a diversidade visando ao melhor desempenho não acontece do nada — é preciso esforço e comprometimento. “É preciso ter intenção e determinação com relação à diversidade, assim como ocorre com qualquer outro imperativo comercial.” ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Bibliografia

## Leituras adicionais sobre imigração e diversidade

**Alba, Richard D.** *Remaking the American Mainstream: Assimilation and Contemporary Immigration [Uma Nova Versão da Característica Americana Dominante: Assimilação e Imigração Contemporânea]*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

**Barkan, Elliott R.** *And Still They Come: Immigrants and American Society, 1920 to the 1990s* [Eles Continuam Chegando: Os Imigrantes e a Sociedade Americana, de 1920 à década de 1990]. Wheeling, IL: Harlan Davidson, 1996.

**Brotherton, David C. e Philip Kretsedemas, orgs.** *Keeping Out the Other: A Critical Introduction to Immigration Enforcement Today* [Deixando o Outro de Fora: Introdução Crítica à Aplicação das Leis de Imigração Atualmente]. Nova York, NY: Columbia University Press, 2008.

**Brownstone, David M., Irene M. Franck e Douglass Brownstone, orgs.** *Island of Hope, Island of Tears: The Story of Those Who Entered the New World through Ellis Island in Their Own Words* [Ilha de Esperança, Ilha de Lágrimas: A História dos que Entraram no Novo Mundo pela Ilha Ellis em Suas Próprias Palavras]. Nova York, NY: Time Books, 2002.

**d'Appollonia, Ariane Chebel e Simon Reich, orgs.** *Immigration, Integration, and Security: America and Europe in Comparative Perspective* [Imigração, Integração e Segurança: Estados Unidos e Europa em Perspectiva Comparativa]. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2008.

**Daniels, Roger.** *Guarding the Golden Door: American Immigration Policy and Immigrants since 1882* [Defesa da Porta Dourada: Política de Imigração Americana e Imigrantes desde 1882]. Nova York, NY: Hill and Wang, 2004.

**Daniels, Roger e Otis Graham.** *Debating American Immigration, 1882-Present* [Debate sobre a Imigração Americana – de 1882 aos Dias de Hoje]. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2001.

**Dinnerstein, Leonard, Roger L. Nichols e David M. Reimers, orgs.** *Natives and Strangers: A Multicultural History of Americans* [Nativos e Estrangeiros: História Multicultural dos Americanos]. Nova York, NY: Oxford University Press, 2003.

**Foner, Nancy.** *From Ellis Island to JFK: New York's Two Great Waves of Immigration* [Da Ilha de Ellis ao JFK: As Duas Grandes Ondas de Imigração de Nova York]. New Haven, CT: Yale University Press, 2002.

**Graham, Otis L.** *Unguarded Gates: A History of America's Immigration Crisis* [Portões Desprotegidos: História da Crise da Imigração dos Estados Unidos]. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

**Guskin, Jane e David L. Wilson.** *The Politics of Immigration: Questions and Answers* [Políticas de Imigração: Perguntas e Respostas]. Nova York, NY: Monthly Review Press, 2007.

**Handlin, Oscar.** *The Uprooted: The Epic Story of the Great Migrations That Made the American People* [Os Desarraigados: História Épica das Grandes Migrações Que Formaram o Povo Americano]. Filadélfia, PA: University of Pennsylvania Press, 2002.

**Higham, John.** *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860–1925* [Estranhos na Terra: Padrões do Nativismo Americano, 1860-1925]. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2002.

*Immigrants: The New Americans [Imigrantes: Os Novos Americanos]*. Alexandria, VA: Time-Life Books, 1999.

**Jacoby, Tamar, org.** *Reinventing the Melting Pot: The New Immigrants and What It Means to Be American* [Reinvenção do Caldeirão Cultural: Os Novos Imigrantes e o Que Significa Ser Americano]. Nova York, NY: Basic Books, 2004.

**Michaels, Walter B.** *Our America: Nativism, Modernism and Pluralism* [Nossa América: Nativismo, Modernismo e Pluralismo]. Durham, NC: Duke University Press, 1995.

**Renshon, Stanley A.** *The 50% American: Immigration and National Identity in an Age of Terror* [50% Americano: Imigração e Identidade Nacional na Era do Terror]. Washington, DC: Georgetown University Press, 2005.

**Swain, Carol M., org.** *Debating Immigration* [Debate sobre Imigração]. Nova York, NY: Cambridge University Press, 2007.

**Tanner, Helen Hornbeck.** *The Settling of North America: Atlas of the Great Migrations from the Ice Age to the Present* [A Colonização da América do Norte: Atlas das Grandes Migrações da Idade do Gelo ao Presente]. Nova York, NY: MacMillan, 1995.

# Recursos na Internet

## Fontes on-line para informações sobre imigração e diversidade

### **A Experiência da Migração Afro-Americana**

Esse site do Centro Schomburg de Pesquisa da Cultura Negra é voltado para as 13 migrações determinantes que formaram e transformaram a Afro-América.

<http://www.inmotionaame.org/home.cfm>

### **Tornando-se Americano: A Experiência Chinesa**

A espetacular história de luta e triunfo, avanços e retrocessos, discriminação e assimilação, retratada em histórias pessoais.

<http://www.pbs.org/becomingamerican/index.html>

### **Chicago, Cidade do Século: Décadas de Imigrantes**

[http://www.pbs.org/wgbb/amex/chicago/feature/sf\\_nations.html](http://www.pbs.org/wgbb/amex/chicago/feature/sf_nations.html)

### **Destino Estados Unidos**

Esse site rico em recursos inclui artigos comoventes sobre imigração, a história da imigração nos Estados Unidos, um jogo para testar seus conhecimentos e vários recursos.

<http://www.pbs.org/destinationamerica/index.html>

### **Imigração: Biblioteca do Congresso**

Apresentação da história da imigração, usando as fontes primárias da Biblioteca do Congresso.

<http://memory.loc.gov/learn/features/immig/introduction.html>

### **Imigração para os Estados Unidos, 1789-1930**

Seleção de materiais históricos das coleções da Universidade de Harvard documenta a imigração voluntária para os Estados Unidos. <http://ocp.hul.harvard.edu/immigration/>

<http://ocp.hul.harvard.edu/immigration/>

### **Vozes de Imigrantes — Fontes Primárias**

[http://www.digitalhistory.uh.edu/historyonline/ethnic\\_am.cfm](http://www.digitalhistory.uh.edu/historyonline/ethnic_am.cfm)

### **“Centro de dados” do Instituto de Política Migratória**

Os dados mais recentes, estatísticas e mapas sobre a migração internacional.

<http://www.migrationinformation.org/datahub>

### **Os Novos Americanos**

Histórias pessoais e riquezas culturais da onda mais

recente de imigrantes para os Estados Unidos.

<http://www.pbs.org/independentlens/newamericans/index.html>

### **Povoando a América do Norte: Movimentos Populacionais e Migração**

[http://www.ucalgary.ca/applied\\_history/tutor/migrations/Fhome.html](http://www.ucalgary.ca/applied_history/tutor/migrations/Fhome.html)

### **Navegador de Dados do Censo Histórico dos EUA**

Da Biblioteca da Universidade de Virgínia, essa ferramenta do censo permite que os usuários comparem as populações dos estados em diferentes períodos.

<http://fisher.lib.virginia.edu/census>

## **LEITURAS ON-LINE**

### **Recém-Chegados aos Estados Unidos**

<http://mumford.albany.edu/census/NewComersReport/Americas%20Newcomers.pdf>

### **Centro de Estudos sobre Imigração. Histórico dos Imigrantes nos Estados Unidos**

<http://www.cis.org/articles/2007/back1007.pdf>

### **População Nascida no Exterior**

<http://www.census.gov/prod/2004pubs/p20-551.pdf>

### **Imigração e População Negra dos Estados Unidos**

<http://www.prb.org/pdf07/62.4immigration.pdf>

### **O Debate da Imigração**

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1204/ijse/barone.htm>

### **Segundo modelo de professor, diversidade = produtividade**

[http://www.nytimes.com/2008/01/08/science/08conv.html?\\_r=1&ref=science&oref=slogin](http://www.nytimes.com/2008/01/08/science/08conv.html?_r=1&ref=science&oref=slogin)

### **Lindsay, James M., e Audrey Singer. Caras Novas: Imigrantes e Diversidade no Século 21**

<http://brookings.edu/views/papers/lindsay/20030601.htm>

**Um de Muitos: Padrões de Imigração e Composição Étnica nos EUA**

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijse/portrait.htm>

**Singer, Audrey. A Nova Cara dos Estados Unidos**

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1204/ijse/singer.htm>

**Spain, Daphne. O Debate nos Estados Unidos sobre Imigração .**

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijse/spain.htm>

**FILMOGRAFIA**

**Avalon (1990)**

<http://www.imdb.com/title/tt0099073/>

**Diretor: Barry Levinson**

Tempo de duração: 126 minutos

Sinopse: Família polonesa-judia procura futuro melhor na dita terra prometida dos EUA.

**Crash (2005)**

<http://www.imdb.com/title/tt0375679/>

Diretor: Paul Haggis

Tempo de duração: 113 minutos

Sinopse: A vida de vários personagens inter-relacionados de diferentes grupos étnicos e origens nacionais colidem e se entrelaçam durante dois dias em Los Angeles.

**Gangues de Nova York (2002)**

<http://www.imdb.com/title/tt0217505/>

Diretor: Martin Scorsese

Tempo de duração: 167 minutos

Sinopse: Em 1863, Amsterdam Vallon procura se vingar do assassino de seu pai no famoso bairro de Five Points da cidade de Nova York, onde o ódio nativista dos imigrantes irlandeses tem conseqüências mortais.

**O Poderoso Chefão 2 (1974)**

<http://www.imdb.com/title/tt0071562/>

Diretor: Francis Ford Coppola

Tempo de duração: 200 minutos

Sinopse: Robert De Niro em atuação magistral no papel de Vito Corleone, na Itália e em Nova York, durante as primeiras décadas do século 20.

**O Clube da Felicidade e da Sorte (1993)**

<http://www.imdb.com/title/tt0107282/>

Diretor: Wayne Wang

Tempo de duração: 139 minutos

Sinopse: Quatro mulheres asiáticas e suas filhas nascidas nos EUA apóiam umas as outras e são reflexo do passado, na São Francisco dos dias de hoje.

**Os Reis do Mambo (1992)**

<http://www.imdb.com/title/tt0104802/>

Diretor: Ame Glimcher

Tempo de duração: 104 minutos

Sinopse: César e Nestor, dupla de irmãos músicos, trocam Cuba pelos Estados Unidos na década de 1950, com o objetivo de se tornar estrelas do cenário musical latino.

**Mississippi Masala (1992)**

<http://www.imdb.com/title/tt0102456/>

Diretor: Mira Nair

Tempo de duração: 118 minutos

Sinopse: Família indiana, expulsa de Uganda quando Idi Amin assume o poder, muda-se para Mississippi e a filha se apaixona por um negro.

**Casamento Grego (2002)**

<http://www.imdb.com/title/tt0259446/>

Diretor: Joel Zwick

Tempo de duração: 95 minutos

Sinopse: Jovem grega se apaixona por um não-grego.

Ao lutar para conseguir a aceitação de sua família, aos poucos ela passa a valorizar mais sua herança e identidade cultural.

**O Resgate do Soldado Ryan (1998)**

<http://www.imdb.com/title/tt0120815/>

Diretor: Steven Spielberg

Tempo de duração: 170 minutos

Sinopse: Nesse drama sobre a Segunda Guerra Mundial, soldados americanos de diferentes origens étnicas, econômicas e geográficas unem forças para resgatar o soldado pára-quedista Ryan, que está estacionado atrás das linhas inimigas.

**Spellbound (2002)**

<http://www.imdb.com/title/tt0334405/>

Director: Jeffrey Blitz

Tempo de duração: 97 minutos

Sinopse: Oito adolescentes, alguns de famílias imigrantes, estão com a atenção voltada para vencer o Concurso Nacional de Soletração de 1999.

---

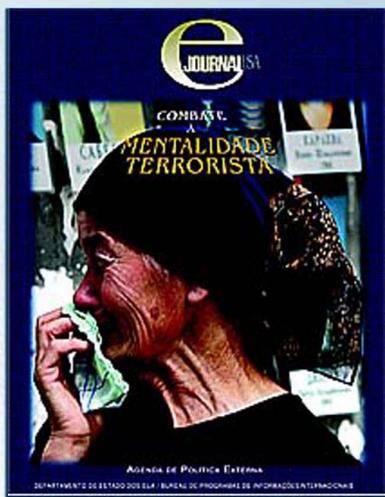
*O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em fevereiro de 2008.*



**America.gov**  
*Telling America's Story*

Nova home page de eJournal USA

<http://www.america.gov>



UMA  
REVISTA  
MENSAL  
OFERECIDA  
EM  
DIVERSOS  
IDIOMAS

